



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO MUSEOLOGIA

Cecilia Bruno de Carvalho

O fazer museu no Leste Asiático: Um estudo de caso do Museu Nacional da Coreia

Florianópolis

2025

Cecilia Bruno de Carvalho

O fazer museu no Leste Asiático: Um estudo de caso do Museu Nacional da Coreia

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.(a) Karine Lima da Costa.

Florianópolis

2025

Carvalho, Cecilia Bruno de

O Fazer Museu no Leste Asiático: Um Estudo de Caso do Museu Nacional da Coreia /Cecilia Bruno de Carvalho ; orientadora, Karine Lima da Costa, 2025.

54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Museologia Asiática. 3. Coreia do Sul. 4. Museu Nacional da Coreia. 5. Patrimônio . I. Costa, Karine Lima da . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

AGRADECIMENTOS

Quero começar expressando minha gratidão à instituição, pois foi através da formação acadêmica que consegui desenvolver este trabalho. Um agradecimento especial à Prof.(a) Karine Lima, minha orientadora, pela orientação cuidadosa, pelas sugestões valiosas e pela confiança que depositou em mim ao longo de toda essa jornada.

Agradeço de coração a todas as pessoas que estiveram ao meu lado nesse caminho e que, de diferentes maneiras, ajudaram a tornar este trabalho possível. Sou profundamente grata aos meus pais por todo o amor, força e incentivo que sempre me deram, especialmente nos momentos em que eu mesma não conseguia ver a luz no fim do túnel. Ao meu pai, meu melhor amigo, que infelizmente não está mais aqui para ver o fechamento deste ciclo: levo comigo a certeza de que, de onde estiver, ele continua a me observar, orgulhoso de cada passo que dou. À minha mãe, uma mulher extraordinária que me inspira todos os dias a ser uma pessoa melhor, obrigada por me dar a oportunidade de recomeçar e por caminhar ao meu lado com tanta generosidade e coragem.

Estendo meus agradecimentos a todos os professores, tanto da Museologia quanto de outras áreas, que compartilharam conhecimentos essenciais para minha formação e ampliaram minha visão de mundo ao longo desses quatro anos. À professora Letícia Nedel, que desde a primeira aula despertou em mim um amor profundo pelos estudos da memória e me desafiou a ir além, provocando reflexões críticas que abriram caminhos que eu jamais imaginaria trilhar. Obrigada por me ajudar a encontrar uma área na qual finalmente me reconheço.

À Andreia, que desde a primeira aula me fez sentir acolhida em um momento em que tudo era novo — nova graduação, nova cidade, nova vida. Entre tantos trabalhos, conversas e planos compartilhados, agradeço por ter tornado esse percurso mais leve e cheio de afeto. Ao Gabriel, que chegou depois, mas cuja presença nunca foi menos especial. Obrigada por ser quem você é e por me oferecer o privilégio da sua amizade e da sua companhia.

À minha querida amiga e professora de coreano, Mariana, quero expressar minha profunda gratidão pela sua generosidade, paciência e dedicação ao longo de todo esse tempo. Sua ajuda foi essencial; sem você, eu provavelmente nunca teria descoberto nem metade das fontes que compõem este trabalho. Sou imensamente grata pela sua presença e apoio, que foram muito além do acadêmico. A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para esse processo, deixo meu sincero reconhecimento e carinho. Cada gesto, presença e palavra fez toda a diferença na construção dessa jornada.

RESUMO

O trabalho analisa a trajetória histórica e institucional do Museu Nacional da Coreia, tomando-o como estudo de caso para compreender como a instituição constrói narrativas sobre memória, patrimônio e identidade nacional em um contexto marcado por colonialismo, guerra e modernização. A pesquisa tem como objetivo examinar a formação do museu desde suas origens no período colonial japonês até sua consolidação contemporânea, discutindo como as transformações políticas e culturais da Coreia influenciaram suas práticas museológicas. O estudo utiliza metodologia qualitativa, baseada em levantamento bibliográfico e documental, com ênfase em referências internacionais devido à escassez de produção brasileira sobre museologia coreana. A análise aborda os deslocamentos e a preservação do acervo durante a Guerra da Coreia, a reorganização institucional no pós-guerra, a criação da rede de museus regionais e a mudança para a sede permanente em Yongsan, considerando os desafios associados à memória colonial, à construção identitária e às políticas culturais do país. O trabalho também discute o papel desempenhado pelo museu na mediação entre tradição, modernização e diplomacia cultural, ressaltando como sua trajetória contribui para ampliar o repertório teórico da museologia ao incorporar perspectivas asiáticas ao debate brasileiro.

Palavras-chave: Museologia; Patrimônio; Museu Nacional da Coreia.

ABSTRACT

This work analyzes the historical and institutional trajectory of the National Museum of Korea, using it as a case study to understand how the institution constructs narratives about memory, heritage, and national identity in a context marked by colonialism, war, and modernization. The research aims to examine the museum's formation from its origins in the Japanese colonial period to its contemporary consolidation, discussing how Korea's political and cultural transformations have influenced its museological practices. The study uses a qualitative methodology, based on bibliographic and documentary research, with an emphasis on international references due to the scarcity of Brazilian production on Korean museology. The analysis addresses the displacement and preservation of the collection during the Korean War, the institutional reorganization in the postwar period, the creation of the network of regional museums, and the move to the permanent headquarters in Yongsan, considering the challenges associated with colonial memory, identity construction, and the country's cultural policies. The work also discusses the role played by the museum in mediating between tradition, modernization, and cultural diplomacy, highlighting how its trajectory contributes to expanding the theoretical repertoire of museology by incorporating Asian perspectives into the Brazilian debate.

Keywords: Museology; Heritage; National Museum of Korea.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Mapa da divisão no paralelo 38° | 19 |
| Figura 2 – Mapa do Palácio Gyeongbok para promover a Exposição Industrial de Joseon realizada em 1915 para marcar o 5º aniversário da colonização da Coreia..... | 24 |
| Figura 3 – Fotografia de 1915 do Palácio Gyeongbokgung | 26 |
| Figura 4 – Carta enviada pelo diretor do Peabody Museum para o diretor do Museu Nacional da Coreia, Kim Jaewon | 28 |
| Figura 5 – Documento sobre a Salvaguarda e Preservação das Coleções do Museu | 30 |
| Figura 6 – Mapa demonstrando a distância entre Seul e Busan | 32 |
| Figura 7 – Kim Jaewon e Eugene I. Knez, que serviu como diretor do Serviço de Informação dos EUA em Busan durante a Guerra da Coreia. | 33 |
| Figura 8 – Foto de 1952 mostra a equipe do Museu Nacional conduzindo uma reunião no prédio temporário do museu em Busan, a capital provisória do tempo de guerra. O Dr. Kim Jaewon, o primeiro diretor do museu, é visto no centro. | 35 |
| Figura 9 – Lista de 124 artefatos da segunda categoria que foram levados para os Estados Unidos, compilada pela filial de Gyeongju do Museu Nacional da Coreia em 27 de julho de 1950..... | 36 |
| Figura 10 – Edifício onde abrigava o Museu Nacional da Coreia, atualmente abriga o National Folk Museum | 38 |
| Figura 11 – Edifício do Governo-Geral japonês | 38 |
| Figura 12 – Demolição do antigo edifício do Governo Geral japonês | 39 |
| Figura 13 – Mapa ampliado mostrando a atual localização do Museu Nacional da Coreia | 40 |
| Figura 14 – Sede permanente do Museu Nacional da Coreia | 41 |
| Figura 15 – Interior da sede do Museu Nacional da Coreia | 42 |
| Figura 16 – Diferentes exposições de longa duração no Museu das Crianças | 43 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Museus Nacionais Regionais da Coreia do Sul | 44 |
|--|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DMZ – Zona Desmilitarizada

ICOFOM LAM – Comitê Internacional de Museologia - América Latina e Caribe

ICOM – Conselho Internacional de Museus

ONU – Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. CONTEXTO HISTÓRICO | 16 |
| 2.1 Colonização japonesa | 16 |
| 2.2 Guerra da Coreia | 18 |
| 2.3 Coreia pós-guerra | 20 |
| 3. ESTUDO DE CASO: MUSEU NACIONAL DA COREIA | 23 |
| 3.1 Patrimônio cultural em risco: A guerra e a preservação museológica..... | 27 |
| 3.2 A mudança para Busan | 32 |
| 3.3 O Museu Nacional da Coreia com o fim da guerra | 38 |
| 3.4 O museu e sua sede permanente | 41 |
| 3.5 Museu das crianças | 44 |
| 3.6 Os 13 Museus Nacionais - Regionais | 45 |
| 3.7. O futuro do Museu | 51 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 54 |

1 INTRODUÇÃO

A Museologia, enquanto campo de estudo e prática, consolidou-se historicamente a partir de referências eurocêntricas, tomando como modelo os museus europeus e estadunidenses, sobretudo a partir da modernidade. Nesse processo, privilegiou-se uma perspectiva que enfatiza a preservação, a exibição e a interpretação de patrimônios culturais dentro de uma lógica marcada pela racionalidade ocidental e pela objetificação dos bens culturais (Nogueira *et al.*, 2023). Autores vinculados ao movimento decolonial¹ da Museologia têm apontado como essa tradição exclui outras formas de relação com a memória e o patrimônio, sobretudo aquelas situadas em contextos não ocidentais (Karp Lavine, 1991; Lander, 2000).

No contexto latino-americano, iniciativas como a criação do Comitê Internacional de Museologia - América Latina e Caribe (ICOFOM LAM), em 1986, juntamente com a atuação de pesquisadores como Waldisa Rússio e Tereza Scheiner, buscaram ampliar e adaptar o campo da Museologia às realidades locais, a produção teórica continuou fortemente ancorada em matrizes ocidentais, em especial a partir da influência de Zbyněk Stránský (Scheiner, 2012). Dessa forma, a ênfase na crítica decolonial tem se mostrado mais intensa na América Latina, enquanto as experiências museológicas de outras regiões do mundo, como a Ásia, permanecem relativamente invisibilizadas.

Essa lacuna é particularmente perceptível no caso da Coreia do Sul. Apesar da relevância de sua história, marcada pela ocupação japonesa e pela Guerra da Coreia, a produção acadêmica brasileira² pouco tem explorado seus museus.

Nesse sentido, o presente estudo justifica-se pela necessidade de ampliar o escopo da pesquisa museológica brasileira para além dos referenciais eurocêntricos e latino-americanos, inserindo no debate experiências museológicas asiáticas, em especial a coreana. O Museu Nacional da Coreia constitui-se como instituição central na preservação e na construção de narrativas sobre a história e a identidade cultural do país, mas permanece praticamente ausente na literatura nacional. Investigar essa realidade possibilita não apenas preencher uma lacuna

¹ O conceito de decolonialidade abrange um conjunto de perspectivas críticas que visam questionar e superar os padrões de poder, conhecimento e identidade que foram impostos pela colonialidade. Isso se refere à persistência das hierarquias coloniais, mesmo após o fim formal do colonialismo. A decolonialidade, portanto, propõe a valorização de outras epistemologias, que estão enraizadas em contextos locais, indígenas, afrodescendentes e subalternizados, em oposição ao eurocentrismo que ainda predomina (Mignolo, 2007; Quijano, 2005; Walsh, 2009).

² Artigo sobre o *Seodaemun Prison History Hall* (Oliveira, 2020) e Trabalho de Conclusão de Curso “Museus na web: um estudo de caso do Museu Nacional da Coreia do Sul” (Halmenschlager, 2024).

acadêmica, mas também estabelecer diálogos interculturais que contribuam para a reflexão crítica sobre práticas museológicas no Brasil, fortalecendo perspectivas coloniais e plurais.

A pesquisa concentra-se na análise do Museu Nacional da Coreia, fundado em 1945, tomando-o como estudo de caso para compreender as formas pelas quais a instituição constrói narrativas sobre memória, patrimônio e identidade nacional. A delimitação temporal abrange desde a sua fundação até os desdobramentos contemporâneos, com ênfase nas transformações ocorridas após sua mudança de sede, em 2005. Busca-se problematizar como essas mudanças se articulam com questões de colonialismo, identidade e representação, observando os desafios e possibilidades de uma abordagem decolonial nesse contexto específico.

O objetivo principal da pesquisa é analisar a trajetória e os desafios do Museu Nacional da Coreia à luz da crítica decolonial, identificando como a instituição constrói narrativas sobre memória e a identidade nacional em um contexto marcado pela herança colonial e pela modernização cultural. Para alcançar esse propósito, pretende-se examinar o processo histórico de formação do museu e suas principais transformações institucionais; identificar as estratégias museológicas utilizadas na preservação e exibição do patrimônio cultural; avaliar as narrativas construídas em relação à memória colonial e à identidade coreana; e por fim, contribuir para a ampliação do repertório teórico da Museologia no âmbito decolonial, incorporando referências asiáticas ao debate.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, fundamentada em levantamento bibliográfico e documental. Foram consultadas obras de referência em Museologia, estudos culturais e teoria da memória, bem como artigos acadêmicos, documentos oficiais e publicações institucionais relacionadas ao Museu Nacional da Coreia. Dada a escassez de literatura em português sobre museologia coreana, priorizou-se o uso de fontes internacionais, em inglês e coreano, que permitam ampliar a compreensão do objeto. A análise será conduzida a partir da articulação entre conceitos teóricos e contexto histórico-cultural coreano, de modo a refletir criticamente sobre o papel do museu na construção da memória e da identidade nacional.

A chamada museologia crítica asiática emergiu nas últimas décadas como um campo de reflexão que busca compreender os museus do Leste Asiático como também outras regiões da Ásia a partir de suas próprias historicidades e de marcas deixadas pela colonização, pela guerra e pela modernização forçada. Embora o debate internacional sobre museus críticos tenha se desenvolvido principalmente em contextos ocidentais, pesquisadores coreanos, japoneses e chineses têm produzido análises que problematizam a forma como as instituições museológicas

da Ásia lidam com as heranças coloniais, as políticas de memória e a construção da identidade nacional.

Entre os principais nomes dessa vertente destacam-se Hyung II Pai (2013), que investiga a relação entre patrimônio, política e identidade nos contextos coreano e japonês, revelando como o discurso sobre a antiguidade foi instrumentalizado pelos Estados modernos. Choi Eun Hee (2013) e Hong Kal (2013) examinam criticamente o papel dos museus coloniais e pós-coloniais na Coreia, demonstrando como as narrativas museológicas se tornaram arenas de disputa simbólica em torno da nação e da modernidade. Nessa mesma direção, Hwang So Young (2016) analisa a representação do poder colonial japonês por meio do Museu do Governo Geral, discutindo as implicações políticas da musealização da Coreia sob domínio estrangeiro.

Outro autor central é Jang Sung-hoon (2015), cuja pesquisa o Museu Nacional da Coreia enfatiza o modo como o museu atua como dispositivo de construção da nação, combinando ideologias de modernização e reconstrução cultural no pós-guerra. Kim H. J (2014) e Kim Joy S (2016) aprofundam essa crítica ao refletirem sobre as transições pós-coloniais e a reinterpretação das práticas patrimoniais coreanas, evidenciando o museu como espaço de resistência e de rearticulação identitária.

A contribuição de Kim Jae Won (2013), primeiro diretor do Museu da Coreia, também é relevante nesse contexto, pois oferece um testemunho de dentro do processo de formação institucional, permitindo compreender a dimensão ética e afetiva da preservação museológica durante períodos de conflito. Sua autobiografia, constitui um documento fundamental para pensar a prática museológica coreana como ato de reconstrução cultural e política.

Mais recentemente, autores como Liu Hui e Chen Maowei (2025) têm ampliado o escopo dessa discussão ao comparar experiências museológicas da Coreia e da China, com ênfase nas reconfigurações digitais do patrimônio e nos desafios éticos da virtualização. Ao lado deles, Byun Seongcheol (2020) aborda a política cultural sul-coreana em perspectiva crítica, interpretando os museus como instrumentos de *soft power* e diplomacia cultural, o que revela a continuidade entre patrimônio, identidade e poder no século XXI.

Em conjunto, esses pesquisadores formam um corpo teórico que redefine a compreensão dos museus asiáticos a partir de dentro, problematizando a hegemonia das epistemologias eurocêntricas e propondo uma leitura situada das práticas museológicas. A Museologia crítica asiática, portanto, propõe não apenas a revisão das narrativas históricas e institucionais, mas também a valorização das epistemologias locais, gesto que a aproxima das discussões decoloniais contemporâneas na Museologia latino-americana.

A escolha pelo título “O fazer museu no Leste Asiático: um estudo de caso do Museu Nacional da Coreia e não “Museu Nacional da Coreia do Sul” deve-se ao fato de que, embora existam museus distintos na Península coreana, como o Museu Central de História da Coreia, em Pyongyang e o Museu Nacional da Coreia, em Seul, a denominação oficial em inglês do museu sul-coreano é *National Museum of Korea*. Ou seja, trata-se de uma instituição que se apresenta internacionalmente como representativa da “Coreia” de modo amplo, ainda que esteja situada na Coreia do Sul. Essa escolha reflete tanto uma questão terminológica quanto diplomática, já que o museu reivindica o papel de guardião da história e do patrimônio cultural coreano como um todo, não apenas do Estado sul-coreano. Dessa forma, ao empregar “Museu Nacional da Coreia” no título, busca-se respeitar a nomenclatura oficial da instituição analisada, ao mesmo tempo em que se reconhece a existência de outros museus nacionais no território coreano.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

Neste capítulo examinaremos o contexto histórico da Coreia do Sul, desde a colonização japonesa até o período pós-libertação, revelando uma trajetória marcada por intensas rupturas e continuidades. O domínio colonial que durou de 1910 a 1945 trouxe exploração, assimilação forçada e uma significativa perda de soberania, cujas consequências ainda são sentidas mesmo após 1945. No período pós-libertação, a península enfrentou uma divisão territorial e ideológica entre Norte e Sul, seguida pela guerra da Coreia que ocorreu entre 1950 e 1953, consolidando fronteiras e intensificando as tensões políticas. Na Coreia do Sul, as décadas seguintes foram marcadas por regimes autoritários, uma rápida industrialização e repressão social.

2.1 Colonização japonesa

Para entender a criação do Museu Nacional da Coreia e suas implicações, é essencial situar o contexto histórico em que o país viveu sob domínio colonial durante trinta e cinco anos. Nesse período, memórias e patrimônios culturais foram sistematicamente apropriados e desviados, privando o povo coreano de elementos essenciais de sua identidade e herança (Jang, 2015).

A ascensão do Japão como potência imperial começou com a Restauração Meiji (1868), que modernizou suas instituições e fortaleceu seu exército. No final do século XIX, o Japão começou a disputar territórios com grandes potências europeias e a China Qing, mirando a península coreana como uma área estratégica (Unzer, 2025).

A primeira guerra Sino-Japonesa (1894-1895) foi um marco nesse processo, pois resultou na retirada da influência chinesa sobre a Coreia e no Tratado de Shimonoseki (下関条約), que concedeu Taiwan ao Japão e reconheceu a independência coreana da China. Contudo, essa “independência” veio acompanhada de crescente influência japonesa sobre o governo coreano (Eckert, 1990).

Em seguida, a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) consolidou a presença japonesa na Coreia. A vitória sobre a Rússia permitiu que o Japão obtivesse o controle da Manchúria e da Coreia, culminando no Tratado de Portsmouth (1905), mediado pelos Estados Unidos. Como resultado, o Japão impôs o Tratado de Protetorado (1905), transformando a Coreia em um protetorado japonês e retirando sua soberania diplomática. Finalmente, em 1910, com a pressão militar e política, a Coreia foi oficialmente anexada ao Japão pelo Tratado de Anexação Japão-Coreia (Unzer, 2025). De acordo com Cumings (2005), esse período é frequentemente dividido em três fases principais, cada uma marcada por diferentes políticas e níveis de repressão.

A primeira fase, governança militar (1910-1919), foi marcada por um regime militar severo nos primeiros anos de ocupação. A resistência coreana foi esmagada com brutalidade, e as liberdades políticas e culturais foram severamente restringidas. A língua japonesa foi imposta nas escolas e instituições públicas, e muitos coreanos foram forçados a adotar nomes japoneses por meio da política de “Shōshi-kaimei” (創氏改名). As tentativas de resistência, como o Movimento Primeiro de Março de 1919 (삼일 운동), foram brutalmente reprimidas, resultando em milhares de mortos e presos.

A segunda fase abrange a governança cultural e econômica de 1919 a 1931, após a repressão do Movimento Primeiro de Março, no qual o Japão decidiu adotar uma abordagem um pouco mais suave, conhecida como “política cultural”. Durante este período, houve certa liberalização cultural, permitindo a publicação de jornais em coreano. No entanto, a liberdade de expressão cultural, como o uso de vestimenta tradicional (한복; hanbok) e a realização de festivais coreanos foi desencorajada. Essas liberdades eram limitadas e a ocupação japonesa manteve um controle rigoroso sobre a economia coreana. Muitos dos recursos naturais e industriais da Coreia foram explorados em benefício do Japão, resultando em um impacto econômico significativo.

Na terceira fase, que abrange a integração e militarização de 1931 a 1945, a política japonesa na Coreia se tornou mais agressiva com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Durante esse período muitos coreanos foram recrutados para trabalhar nas indústrias de guerra do Japão, sendo obrigados a trabalhar em fábricas e minas. Além disso, enfrentaram o recrutamento das chamadas “mulheres de conforto”, que foram vítimas de exploração sexual. A repressão cultural também aumentou, com o governo japonês promovendo a assimilação cultural total, que incluía a proibição do uso da língua coreana e a destruição de importantes artefatos culturais coreanos.

A colonização japonesa terminou com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial em 1945. O legado dessa colonização ainda se faz sentir na política e nas relações diplomáticas entre Coreia do Sul e Japão, especialmente em temas como o pedido de desculpas oficiais do governo japonês e as compensações às vítimas coreanas.

2.2 Guerra da Coreia

A transição da independência para a Guerra da Coreia foi marcada por conflitos políticos internos e intervenções externas. Em 1948, surgiram dois governos rivais: a República da Coreia (Coreia do Sul), apoiada pelos Estados Unidos, e a República Popular Democrática da

Coreia (Coreia do Norte), sob influência soviética. A tensão entre as duas Coreias foi crescendo, culminando na Guerra da Coreia (1950-1953), um conflito devastador que envolveu diretamente os Estados Unidos, a China e a Organização das Nações Unidas (ONU). O conflito terminou com um armistício, mas sem um tratado de paz definitivo, mantendo a península coreana dividida até hoje (Unzer, 2025).

Depois da Segunda Guerra Mundial, a Coreia foi dividida ao longo do paralelo 38, atualmente chamado de linha do armistício, entrando no cenário da Guerra Fria, que foi marcada pela divisão global entre o modelo capitalista liberal-democrático, liderado pelos Estados Unidos, e o modelo comunista soviético, promovido pela União Soviética. Além disso, várias nações que haviam sido ocupadas por potências derrotadas na guerra se tornaram campo de disputa territorial entre as lideranças desses blocos. Nesse cenário, a Coreia, que havia acabado de se libertar do domínio japonês, enfrentava um complicado processo de reconstrução interna. Na conferência de Potsdam, realizada entre julho e agosto de 1945, os Aliados decidiram dividir o país em duas zonas de ocupação, sem sequer consultar a população coreana (Seth, 2016).

Segundo o historiador Emiliano Unzer (2025), entre 1945 e 1949, o cenário interno foi repleto de reações variadas e tensões internas. Em 1948, a ONU tentou promover eleições livres para unificar o país, mas a União Soviética não aceitou a proposta. Como consequência, tanto o Norte quanto o Sul acabaram realizando suas próprias eleições, instaurando governos distintos e com ideologias opostas. Esse impasse levou, em 1950, à invasão do Sul pelo Norte, dando início à Guerra da Coreia.

Em junho de 1950, a Guerra da Coreia teve início com a invasão norte-coreana, apoiada militarmente pela União Soviética e pela China, resultando em uma ofensiva contra a Coreia do Sul, que avançou rapidamente. O Conselho de Segurança da ONU reagiu aprovando a Resolução 82, que condenava a invasão, e depois a Resolução 83, que autorizava uma ação militar conjunta para repelir o ataque. Sob a liderança dos Estados Unidos, mais de 20 países enviaram tropas para defender a Coreia do Sul, com as forças americanas representando a maior parte do contingente. As tropas da ONU conseguiram reverter o avanço inicial norte-coreano, empurrando os inimigos de volta em direção ao paralelo 38 (Unzer, 2025).

Entre 1951 e 1952, o conflito na Coreia passou por um período de estabilização, mas os combates continuaram ao longo do paralelo 38 (figura 1). Com apoio reforçado da China, a Coreia do Norte lançou uma nova ofensiva, atravessando novamente o paralelo 38 e chegando a ocupar Seul temporariamente. A derrota inicial das forças americanas levantou debates sobre a possibilidade de usar armas nucleares contra a Coreia do Norte e a China, mas essa ideia foi deixada de lado com a chegada de reforços. As tropas da ONU, sob liderança dos Estados

Unidos, foram gradualmente recuperando o controle territorial ao sul do paralelo 38, enquanto o apoio chinês permitia que as forças armadas norte-coreanas mantivessem uma resistência significativa.

Figura 1 – Mapa da divisão no paralelo 38°



Fonte: Google Imagens

O conflito se estabilizou nessa área, marcando o início de uma guerra de atrito, com ofensivas limitadas de ambos os lados.

Essa descrição ressalta as dinâmicas militares e políticas das fases iniciais do conflito, destacando a importância central das superpotências e da ONU no desenrolar da guerra.

Nos anos de 1952 e 1953, o cenário era de impasse e armistício. Durante esse período, a guerra se estagnou, marcada por combates de trincheiras entre as tropas da ONU e as forças chinesas e norte-coreanas, sem que nenhum dos lados conseguisse conquistar territórios significativos. Essa situação só piorou a crise humanitária na península, com milhares de civis enfrentando as duras consequências de um conflito que se arrastava. Após uma série de batalhas que não levaram a lugar nenhum, resultando apenas em mais perdas de vidas, ambas as partes decidiram que era hora de buscar uma solução negociada.

Com a mediação da ONU, as negociações culminaram na assinatura do Armistício de Panmunjom, em 27 de julho de 1953, entre a ONU, os Estados Unidos, a Coreia do Norte e a China. Esse acordo pôs fim formalmente às hostilidades, mas não resultou em um tratado de paz definitivo. Até hoje, as duas Coreias permanecem tecnicamente em estado de guerra,

separadas pela Zona Desmilitarizada (DMZ), que se tornou um símbolo da tensão que persiste na península (Unzer, 2025).

2.3 Coreia pós-guerra

A transição de governo na Coreia do Sul, que ocorreu desde o fim da Guerra da Coreia até a chegada de Park Chung Hee ao poder em 1961, foi um período repleto de instabilidade política e conflitos ideológicos. O governo de Rhee Syngman, que contava com o apoio dos Estados Unidos, enfrentou uma forte insatisfação popular devido à corrupção e à repressão política. Em 1960, a Revolução de Abril³ resultou na sua renúncia e deu início a Segunda República, que operava sob um sistema parlamentarista liderado por Chang Myon. Contudo, a instabilidade econômica e política acabou culminando no golpe militar de 1961 liderado por Park Chung Hee, que estabeleceu um regime autoritário com foco na modernização econômica (Unzer, 2025).

O regime de Park utilizou a cultura como ferramenta para fortalecer o nacionalismo e legitimar o seu governo. Como aponta Benedict Anderson (2008), os regimes nacionalistas costumam moldar instituições culturais e educacionais para criar um forte senso de identidade coletiva. Park promoveu um discurso nacionalista que girava em torno da ideia de uma cultura coreana unificada, utilizando museus como espaços de construção da identidade nacional. A Lei de Proteção ao Patrimônio Cultural (1962)⁴ ajudou a consolidar esse processo, assegurando recursos para a preservação de artefatos históricos e a criação de museus regionais, como o Museu Nacional de Gyeongju (Kim&Vogel, 2013).

A partir da década de 1980, as mudanças nas políticas culturais da Coreia do Sul estiveram intimamente ligadas às transformações no cenário político e institucional. O processo de redemocratização, que se consolidou após as mobilizações populares de 1987, marcou o fim definitivo dos regimes militares que governaram o país desde os anos 1960. Com a abertura democrática, começou uma mudança gradual nas políticas culturais, impulsionada pelo aumento das liberdades civis mais ativas. No final da década de 1980, eventos de grande destaque internacional, como os Jogos Olímpicos de Seul (1988), serviram tanto como um símbolo da transição democrática quanto como uma ferramenta política para inserção cultural.

³ Também chamada de Revolução de 19 de abril ou Movimento de 19 de abril (4·19 혁명), foi uma revolta popular que aconteceu entre 11 e 26 de abril de 1960, liderada por grupos estudantis, que derrubou o governo autocrático de Rhee Syngman, encerrando a Primeira República da Coreia do Sul.

⁴ Disponível em *Ministry of Government Legislation Korean Law Information Center*. Acesso em 2 de outubro de 2025: [https://www.law.go.kr/법령/문화재보호법/\(19620110,00961,19620110\)](https://www.law.go.kr/법령/문화재보호법/(19620110,00961,19620110))

Museus e o patrimônio cultural foram utilizados para criar uma imagem de continuidade histórica e modernização, mesmo que muitas tensões relacionadas ao passado autoritário ainda estivessem, em parte, silenciadas. (Shin, 2006).

A década de 1990 foi um período crucial para a consolidação da democracia e a reavaliação das políticas culturais. Durante os mandatos dos presidentes civis Kim Young-sam (1993-1998) e Kim Dae-jung (1998-2003), houve um esforço claro para revisar a história e se distanciar simbolicamente do legado autoritário. Isso inclui iniciativas para reconhecer as violações de direitos humanos e abrir espaços para debates públicos sobre memória e identidade nacional. No campo dos museus, esse cenário favoreceu a inclusão gradual de narrativas mais críticas sobre o colonialismo japonês, a Guerra da Coreia e os regimes militares, embora de maneira seletiva e sob controle institucional (Kim, 2015; Byun, 2020).

Paralelamente, nesta mesma década, o mundo passou por mudanças econômicas e geopolíticas significativas, especialmente após a crise financeira asiática de 1997. Essa crise fragilizou o modelo desenvolvimentista, levando o governo sul-coreano a repensar suas estratégias de crescimento. Eles começaram a perceber o valor da cultura como um recurso econômico, simbólico e diplomático. Assim, as políticas culturais começaram a integrar patrimônio histórico, turismo cultural e indústrias criativas, antecipando o papel fundamental que a cultura teria no século XXI (Jin, 2016).

Durante o governo de Kim Dae-jun, essa articulação se tornou ainda mais evidente com a *Sunshine Policy* (햇볕정책), que buscava a reaproximação com a Coreia do Norte. Essa abordagem política teve um impacto direto nas narrativas culturais e museológicas, reforçando a ideia de que a península coreana compartilha uma herança cultural, mesmo com a divisão política. Assim, os museus passaram a ter um papel fundamental na construção de discursos sobre unidade cultural e reconciliação histórica, enquanto se alinhavam a uma política externa que priorizava a diplomacia cultural e o *soft power*⁵ (Byun, 2020).

No século XXI, essas dinâmicas se intensificaram com o *hallyu* (onda coreana) se firmando como um fenômeno global. A cultura sul-coreana começou a ser integrada de forma sistemática nas estratégias do governo para projeção internacional, misturando produtos da cultura pop, patrimônio histórico e os museus em uma narrativa que une modernidade, tradição e inovação tecnológica. Nesse contexto, os museus têm um papel ambíguo; enquanto se

⁵ Soft power refere-se à capacidade de um Estado de influenciar outros atores internacionais por meio da atração e da persuasão, em vez do uso da coerção ou da força militar, valendo-se de recursos simbólicos como cultura, valores políticos e legitimidade institucional (Nye, 2004).

estabelecem como espaços que diversificam a memória, também se tornam ferramentas essenciais da política cultural e da diplomacia da Coreia do Sul (Jin, 2016; Byun, 2020).

3 ESTUDO DE CASO: MUSEU NACIONAL DA COREIA

Neste capítulo, vamos explorar a história do Museu Nacional da Coreia, desde suas origens até os eventos que moldaram seu desenvolvimento, passando pela sua configuração atual e pelas perspectivas para o futuro. A trajetória do museu começa com o Museu da Família Real Yi, que foi fundado em setembro de 1908, em um cenário político onde a Coreia já enfrentava uma crescente perda de soberania, sob o regime do protetorado japonês. A criação desse museu pode ser vista como uma estratégia de preservar e proteger os bens culturais e artísticos da família real coreana, especialmente diante das ameaças de expropriação, dispersão e deslocamento do patrimônio nacional que surgiram com a dominação colonial (Jang, 2015). Aberto ao público em novembro do ano seguinte, em 1910, mudou-se do seu edifício original para o Palácio Gyeongbokgung (경복궁)⁶. Em dezembro de 1915, o museu foi renomeado como Museu do Governo-Geral japonês da Coreia, refletindo a política colonial de sistematização e apropriação do patrimônio histórico e arqueológico (Pai, 2013). Durante esse período, a instituição ampliou sua coleção por meio de escavações arqueológicas, doações de templos budistas e diversas aquisições, firmando-se como um importante espaço de pesquisa e arquivamento histórico. Somente após a libertação da Coreia, em 1945, o acervo do museu foi nacionalizado e reorganizado, dando origem ao Museu Nacional da Coreia⁷ e redefinindo sua missão institucional em um contexto pós-colonial (Kim, 2010).

O Museu do Governo-Geral foi inaugurado em 1º de dezembro de 1915, em um edifício que foi construído especificamente para a Exposição de Produtos daquele ano, realizada em Seul para marcar o 5º aniversário da anexação da Coreia pelo Japão. A exposição atraiu cerca de 1.160.000 visitantes entre 11 de setembro e 31 de outubro e funcionou como uma vitrine do poder colonial japonês. Ela legitimou a presença japonesa ao exibir “realizações” nas áreas da educação, engenharia civil e economia, enquanto tentava instigar os coreanos a uma visão de progresso que se alinhava ao projeto imperial (Pai, 2013; Eckert et al., 1990).

Aconteceu no Palácio Gyeongbokgung (figura 2), e sua narrativa principal projetava um “futuro promissor” sob o domínio imperial, ignorando tanto o presente quanto o passado da Coreia. Isso reforçava a ideia de que a sociedade coreana estava atrasada e incapaz,

⁶ Gyeongbokgung é o mais antigo, maior e de longe o mais “chinês” dos cinco grandes palácios de Joseon em Seul. Foi construído em 1394 por Taejo, o primeiro rei Joseon; destruído nas invasões japonesas de 1592-1598; reconstruído em 1867; abandonado em 1895 após o assassinato da Imperatriz Myeonseong por agentes japoneses; demolido durante a ocupação japonesa (1910-1945); e reconstruído a partir de 1989.

⁷ Disponível em: *National Museum of Korea*. Acesso em 3 de outubro de 2025.

especialmente quando comparada às promessas do Japão. Como apontam Henry (2005) e Pai (2013), essas exposições serviam como ferramentas ideológicas, moldando a memória histórica e apresentando uma visão em que a única forma de garantir prosperidade era a submissão ao império.

Figura 2 – Mapa do Palácio Gyeongbok para promover a Exposição Industrial de Joseon realizada em 1915 para marcar o 5º aniversário da colonização da Coreia.



Fonte: *National Palace Museum of Korea/Korea JoongAng Daily*

A transformação do espaço expositivo em museu solidificou essa estratégia, convertendo o patrimônio cultural coreano em um recurso museológico sob controle colonial, permitindo ao governo japonês contar a história da Coreia pela lente da modernização colonial (Hong, 2013; Kim, 2016).

Diferente das grandes potências europeias, cuja expansão colonial entre os séculos XV e XIX foi muitas vezes justificada por narrativas claras de missão civilizatória e pela imposição direta da força militar, no Leste Asiático — especialmente no contexto da colonização japonesa da Coreia — a justificativa para o domínio imperial foi muito mais complexa, tanto do ponto de vista intelectual quanto jurídico. Antes e depois da anexação de 1910, pensadores e etnógrafos associados ao Estado criaram discursos que faziam parecer natural a presença japonesa na península, enquanto retratavam os coreanos como cultural e civilizacionalmente

“atrasados”. Isso ajudou a legitimizar a necessidade de uma liderança japonesa sob a forma de “colonialismo pedagógico” (Yi, 2014).

Ao mesmo tempo, líderes políticos japoneses usaram conceitos do direito ocidental para construir um arcabouço jurídico que conferisse uma aparência de legitimidade à anexação, suavizando a percepção de que se tratava apenas de uma imposição de força, algo que estava inscrito como direito em tratados e práticas legais da época (Dudden, 2005).

Trecho do discurso de abertura do Governador-Geral Terauchi Masatake na Exposição Industrial de Joseon realizada em 1915:

O propósito de realizar esta exposição é... esclarecer a comparação e o contraste entre as administrações nova e antiga e conscientizar o povo coreano sobre os benefícios da nova administração... e, como resultado, fazer o povo coreano refletir profundamente e se iluminar e corrigir os maus hábitos de extravagância e ociosidade... (Segye Ilbo 2019, discurso de abertura da 조선물산공진회)⁸.

A galeria de arte que se estabeleceu em um edifício permanente já sinalizava sua futura transformação no Museu do Governo-Geral, em um processo que rememora o que aconteceu em Tóquio, onde as instalações da 5ª Exposição Doméstica de 1899 foram convertidas no Museu da Casa Imperial após o evento. Em abril de 1915, o Governo-Geral fez o anúncio oficial sobre a criação de um museu ou biblioteca em Seul, momento em que foi celebrado com uma cerimônia solene organizada pela Casa Imperial Japonesa. A fundação desse segundo museu na capital, mesmo coexistindo com o Museu da Família Real Yi, atendia à necessidade das autoridades coloniais de estabelecer uma instituição oficial que validasse e representasse a cultura material da Coreia sob a perspectiva e o nome do Governo-Geral, reforçando assim o controle simbólico e político sobre o patrimônio cultural do país (Jang, 2015).

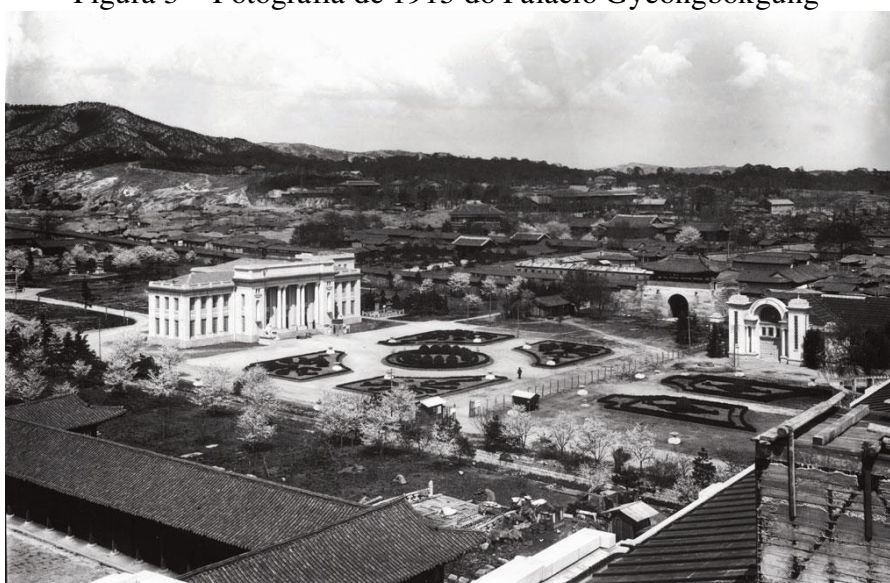
O Museu Nacional foi oficialmente fundado em 3 de dezembro de 1945 e seu primeiro endereço foi o antigo Museu do Governo-Geral japonês da Coreia. A criação do museu estava intimamente ligada ao processo de redefinição da identidade nacional após a libertação da Coreia, momento em que as coleções herdadas do regime colonial japonês passaram por uma reavaliação crítica. Muitos dos artefatos que estavam sob custódia do antigo museu foram incorporados ao acervo da nova instituição, que agora se apresenta como símbolo da preservação e valorização da herança cultural coreana. Assim, o museu assumiu um papel

⁸ “본 공진회 개최의 취지는...新舊施政(신구시정)의 비교대조를 밝혀서 조선민중에게 新政(신정)의 혜택을 자각하게 하고...그 결과 조선인으로 하여금 깊이 스스로 반성제발해서 奢侈遊惰(사치유타)의 폐습을 고치고...” disponível em: 강구열. 보란듯이 경북궁 훼손... 조선의 최후와 일제 독재의 서막 <https://www.segye.com/newsView/20190131004480>. Acesso em 15 de outubro de 2025.

central na construção de uma memória coletiva pós-colonial, buscando legitimar uma narrativa histórica autônoma e livre do enquadramento imposto pela ocupação japonesa (Choi, 2013; Pai, 2013). A instituição não se tornou apenas um espaço de conservação, mas também um instrumento de afirmação identitária e de ressignificação cultural no cenário de reconstrução nacional.

Após a inauguração do museu, ele passou a atuar como a principal instituição museológica nacional. Em 1972, com a transferência para um edifício próprio no Palácio Gyeongbokgung (figura 3), foi renomeado oficialmente como “Museu Nacional da Coreia”, durante sua reorganização.

Figura 3 – Fotografia de 1915 do Palácio Gyeongbokgung⁹



Fonte: *National Museum of Korea/Korea Foundation*

Ao longo desse processo, diversos museus regionais como os de Gyeongju, Buyeo e Gongju foram elevados ao *status* de museus nacionais regionais, operando sob a égide do Museu Nacional. Desde a independência, diversos museus nacionais foram estabelecidos em cidades ao redor do país como Gwangju, Jinju, Cheongju, Jeonju, Daegu, Gimhae, Jeju, Chuncheon, Naju e Iksan. Esses museus desempenham um papel fundamental na preservação das histórias e culturas locais.

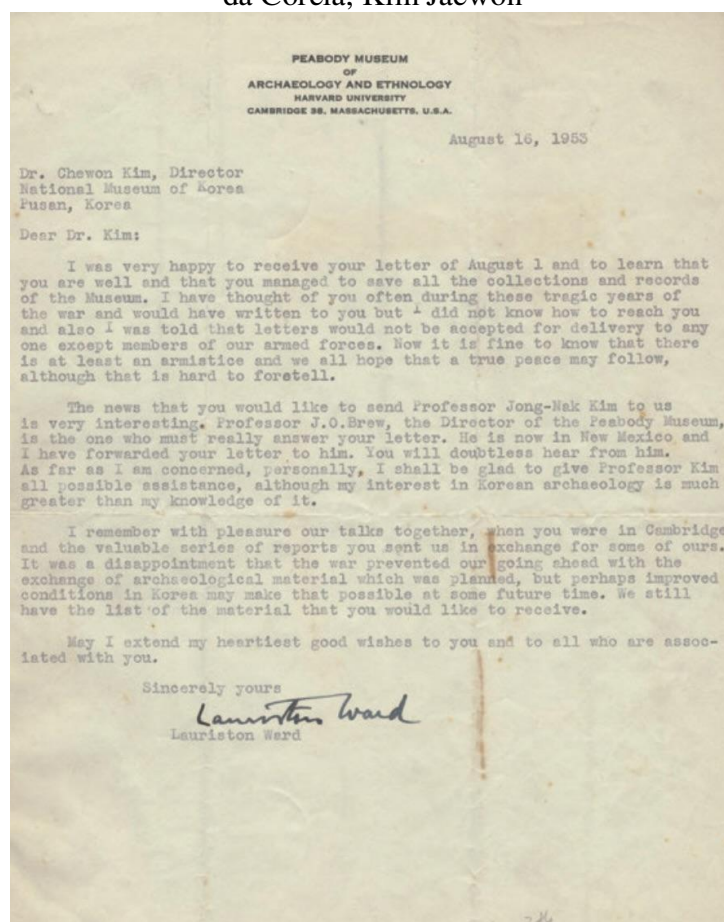
⁹ Estrutura de estilo ocidental, construída pelo governo colonial japonês após a remoção de muitos edifícios do palácio. Ele abrigou o Museu do Governo Geral japonês da Coreia, antecessor do Museu Nacional da Coreia. À direita estão algumas estruturas remanescentes do palácio e o portão leste, Geonchunmun, e no canto inferior esquerdo está o claustro do salão do trono, Geunjeongjeon.

A consolidação do Museu Nacional Coreia como guardião do patrimônio cultural do país enfrentou desafios significativos, especialmente durante a Guerra da Coreia (1950-1953). O conflito trouxe não apenas destruição material, mas também ameaças diretas ao acervo do museu, que se tornou alvo de pilhagem e deslocamentos forçados. A mobilização para salvar esses artefatos e garantir sua proteção revela a complexa relação entre a guerra, memória e museologia, demonstrando como a preservação do patrimônio cultural pode se tornar um ato de resistência em tempos de crise.

3.1 Patrimônio cultural em risco: A guerra e a preservação museológica

Um ano após a conclusão dos julgamentos de Nuremberg e das ações legais subsequentes, eclodiu a tragédia fratricida da Guerra da Coreia. Novamente, os patrimônios culturais de uma nação tornavam-se alvos de destruição; o exército norte-coreano visava saquear os bens culturais do Sul. No entanto, a coleção do Museu Nacional da Coreia sobreviveu, graças a um esforço hercúleo que possibilitou a transferência das peças para a capital provisória, Busan. Contudo, essas valentes iniciativas permanecem, em parte, desconhecidas.

Figura 4 – Carta enviada pelo diretor do Peabody Museum para o diretor do Museu Nacional da Coreia, Kim Jaewon



Fonte: *National Museum of Korea*

Kim Jaewon¹⁰ (김재원) (1909-1990) foi o primeiro diretor do Museu Nacional da Coreia e desempenhou um papel crucial na preservação de tesouros e artefatos nacionais do país (figura 4). Durante as décadas de 1920 e 1930, enquanto estudava na Universidade de Munique, Kim testemunhou a ascensão do regime nazista na Alemanha.

Após um período como assistente de pesquisa do arqueólogo e sinólogo Professor Carl Hentze na Universidade de Ghent, na Bélgica, Kim retornou à Coreia em 1940, onde passou a lecionar alemão na *Bosung College* (atualmente *University of Korea*).

Em 26 de junho de 1950, Kim escreveu nas suas memórias póstumas, intituladas “A autobiografia do primeiro museu: uma vida com o museu”, a atmosfera de tensão provocada pela iminente chegada das tropas norte-coreanas, perceptível nas reverberações e nos disparos que ecoavam pela cidade. Três dias depois, a bandeira nacional norte-coreana tremulou sobre o museu e um dos funcionários gritou pela derrubada do presidente Syngman Rhee. Kim

¹⁰ Optou-se por essa romanização para o nome 김재원. No entanto, em outros contextos pode aparecer também a forma Kim Chaewon, em virtude das variações nos sistemas de romanização do coreano.

escondeu-se na casa de um conhecido enquanto as tropas norte-coreanas caçavam figuras politicamente importantes. Posteriormente, ao descrever os esforços de preservação do acervo durante o conflito, o diretor relatou o episódio em que, após o quase completo empacotamento dos objetos, a equipe afirmou ter esquecido de registrar suas formas e dimensões, o que os obrigou a desembulhar e reiniciar o processo, numa tentativa de ganhar tempo e assegurar melhores condições para salvaguarda das peças (Kim, 2013)

Embora a maioria dos funcionários do governo, incluindo o presidente da Coreia do Sul, Rhee Syngman, já tivesse fugido para o sul através do rio Han, nenhum único funcionário do Museu Nacional conseguiu escapar da capital. Segundo relato de Kang, do Museu Regional Nacional de Jeju, os funcionários do Museu Nacional permaneceram na cidade durante o período analisado sem receber diretrizes formais de evacuação, o que gerou incerteza quanto à necessidade de saída (PARK, 2024).

Poucos dias depois, Kim e sua equipe foram convocados ao museu onde foi forçado a assinar um documento transferindo todos os direitos do museu para Kim Yong-tae, membro do Comitê de Investigação e Conservação de Artefatos Culturais da Coreia do Norte, um grupo estabelecido pelo gabinete de Kim Il-sung em 1948. Kim Yong-tae e seu comitê exigiram ver todas as coleções do Museu Nacional e os bens de Chun Hyung-pil (1906 -1962), fundador do Museu de Arte Kaesong, para serem transferidos para Pyongyang, capital da Coreia do Norte. Eles ordenaram que a equipe do museu empacotasse os objetos mais importantes e os transferisse para o Palácio de Daeoksugung, do outro lado do centro da cidade. A equipe tentou protelar inventando desculpas, como falta de papel de embrulho ou de materiais para fazer as caixas, mas acabou concluindo as embalagens (Jang, 2015). Kim lembrou em suas memórias que foram necessários três dias para embalar apenas nove itens grandes da coleção.

A busca por caixotes também se revelou um desafio durante a guerra, levando a equipe a convencer os norte-coreanos que ocupavam o museu permitir-lhes a compra de madeira. Essa empreitada durou um mês inteiro, agravada pela dificuldade de encontrar um carpinteiro. Conforme análise apresentada por Park (2024), o contexto militar instaurado após o desembarque em Incheon fez com que o aparato cultural norte-coreano, apesar de contar com especialistas, tivesse suas funções subordinadas às demandas estratégicas do conflito armado.

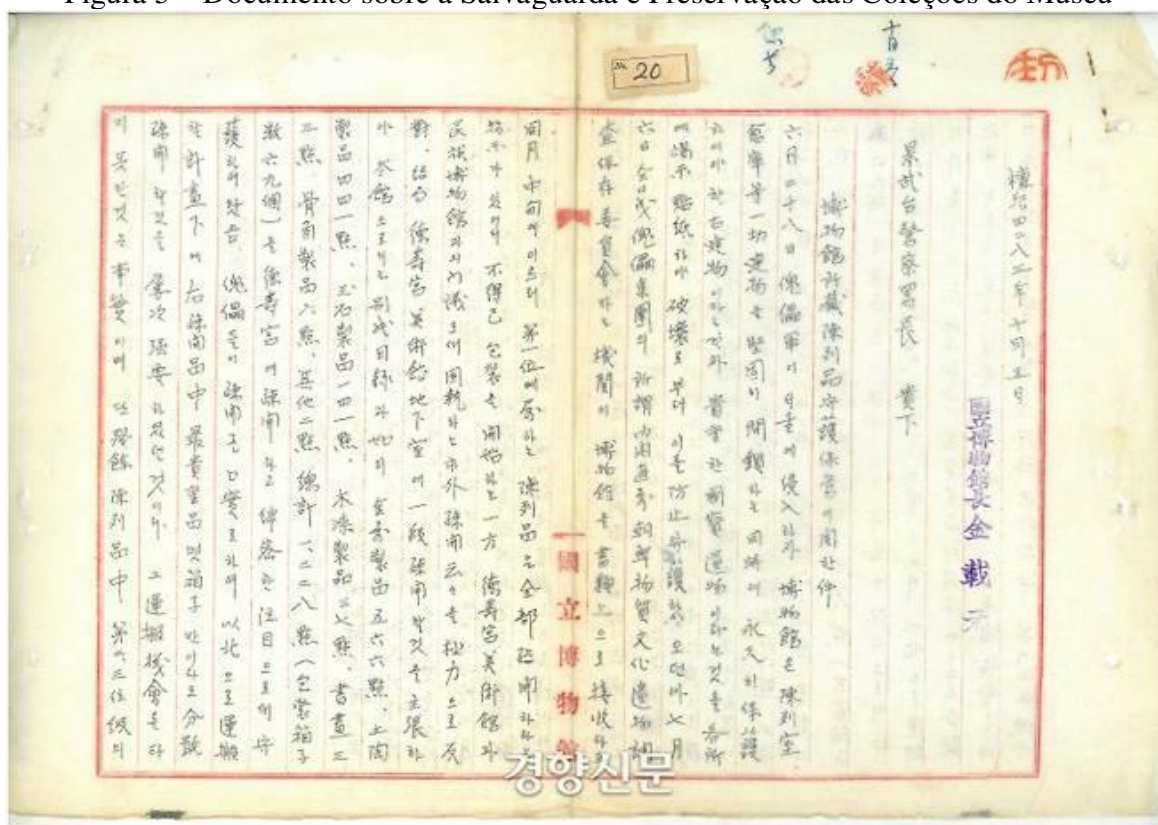
Contudo, o rumo da guerra mudou e, em 28 de setembro, as forças da ONU invadiram Seul, encontrando os tesouros culturais intactos. Os norte-coreanos encheram completamente seus caminhões durante a retirada, sem espaço sobrando para o tesouro capturado. Enquanto isso, o Palácio Gyeongbok sofreu grandes danos com os bombardeios, assim como os edifícios que abrigavam as coleções do museu. Quando as forças americanas e sul-coreanas chegaram

ao redor de Seul, no final de setembro de 1950, Kim Yong-tae abandonou a operação, abandonando as coleções intactas e fugindo para o Norte (Choe, 2009).

O “Documento sobre a Salvaguarda e Preservação das Coleções do Museu” (Figura 5), enviado por Kim Jaewon¹¹, diretor do Museu Nacional, ao chefe da Delegacia de Polícia de Gyeongmudae em 5 de outubro de 1950, descreve as medidas tomadas pelos funcionários do museu durante o período de ocupação norte-coreana.

Segundo o relatório, a equipe do museu deliberadamente atrasou o cumprimento das ordens do Comitê de Pesquisa para Preservação da Cultura Material Norte-Coreana, que exigia o empacotamento de todos os artefatos e a evacuação das peças mais importantes para arredores, alegando diversos motivos.

Figura 5 – Documento sobre a Salvaguarda e Preservação das Coleções do Museu



Fonte: *Kyunghyang Shinmun Journal/ National Museum of Korea*

O texto afirma: “Por fim, a operação para proteger os artefatos foi um sucesso, pois a organização fantoche (Comitê de Pesquisa para a Preservação de Cultura e Material Norte-

¹¹ Disponível em: [이기환의 흔적의 역사] "미국 침략자가 한국 문화재 몽땅 털어가"... '극비 부산수송작전' 물랐던 소련의 비난 - 경향신문. Acesso em 15 de outubro de 2025.

Coreana) fugiu em choque diante do intenso fogo de artilharia de nossas forças (o Exército da República da Coreia e forças da ONU)” (Tradução nossa)¹².

3.2 A mudança para Busan

A evacuação de acervos em situações de guerra ou crise revela as tensões entre preservação material e os valores simbólicos do patrimônio. Desde os grandes deslocamentos de obras durante a Segunda Guerra Mundial, como os comboios do Museu do Louvre e do Hermitage, a museologia passou a ver a evacuação não apenas como um ato técnico, mas também como uma decisão política e ética (Pearson; Keene, 2017). Como Brulon Soares (2021) observa, o patrimônio é um campo de disputas simbólicas, e a sua proteção envolve escolhas que refletem hierarquias de valor e poder. Assim, a retirada de coleções não é um ato neutro, pode significar tanto a proteção de bens culturais quanto o apagamento de contextos comunitários e identitários.

Além de proteger fisicamente os objetos, a evacuação de acervos deve ser vista como um movimento de memórias. Segundo Varine (2013), a museologia precisa focar na conexão entre o patrimônio e as comunidades, mantendo o laço social que dá significado aos objetos. Nesse sentido, a evacuação durante conflitos, como o acervo do Museu Nacional da Coreia para Busan em 1950 durante a Guerra da Coreia, demonstra que a preservação institucional é também um ato de resistência cultural. A escolha de transferir as coleções de Seul, que estava sob ameaça de bombardeios, não tinha apenas o objetivo de proteger itens de valor histórico, mas também de salvaguardar um símbolo de continuidade nacional em meio à fragmentação política e territorial. No entanto, como alertam Desvallées e Mairesse (2010), conservar sem contexto transforma o museu em um mero depósito de coisas, afastando-o de sua função social. Assim, ao mover o seu acervo, o Museu Nacional da Coreia também alterou significados, suas coleções passaram a simbolizar não apenas a herança do passado, mas a própria sobrevivência da identidade cultural coreana em tempos de devastação.

A criação de planos de evacuação e emergência para museus envolve reconhecer que essas instituições operam em uma constante vulnerabilidade, seja por causa de desastres naturais, riscos tecnológicos ou ações humanas. Como destaca o ICOM (2017), a preparação

¹² 1950년 10월 5일 김재원 국립박물관장이 경무대 경찰서장에게 보낸 ‘박물관 소장 진열품 수호 보관에 관한 문건’. 북한 치하에서 박물관 요원들이 “박물관 유물을 모두 포장하라” “중요유물은 외곽으로 소개하라”는 북한 물질문화보존연구위원회의 지시를 갖가지 이유로 지연시킨 사연을 구체적으로 보고했다. 문건은 “결국 괴뢰기관(북한 물질문화보존연구위원회)가 아군(국군과 유엔군)의 격렬한 포성에 경악해서 도주함으로써 유물수호작전은 성공을 거두었다”고 기록했다. Disponível em: [이기환의 흔적의 역사] “미국 침략자가 한국 문화재 뭉땅 털어가”... ‘극비 부산수송작전’ 몰랐던 소련의 비난 - 경향신문. Acesso em 15 de outubro de 2025.

para emergências precisa ser parte integrante da gestão diária dos museus, englobando protocolos de proteção, treinamento de equipes e redes de colaboração entre as instituições. Contudo, em países que enfrentam desigualdades estruturais, esses planos muitas vezes esbarram em limitações financeiras e políticas, evidenciando a disparidade na proteção do patrimônio (Meneses, 2020). Além disso, crises recentes, como a guerra na Ucrânia, demonstram que a digitalização e descentralização de acervos podem oferecer novas formas de evacuação simbólica, onde a tecnologia desempenha um papel fundamental na preservação da memória coletiva (Miller, 2023).

Assim, a museologia contemporânea é desafiada a repensar a evacuação não apenas como um deslocamento físico de bens, mas como uma prática social que visa garantir a sobrevivência cultural em tempos de instabilidades e perda como aconteceu em Busan, onde a preservação das coleções coreanas se tornou um ato de resistência e da reconstrução da identidade diante da guerra.

Figura 6 – Mapa demonstrando a distância entre Seul e Busan



Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division Washington*

Depois de retomar Seul, o exército sul-coreano e as forças da ONU avançaram rapidamente para o norte (figura 6). No entanto, as tropas chinesas entraram na guerra e repeliram as forças aliadas. Observando a retirada de muitos tanques dos Estados Unidos, Kim percebeu a gravidade da situação. Ele disse a Paek Nak-chun, ministro da cultura e da educação: “Precisamos evacuar a coleção do museu para Busan, já que a guerra ainda não atingiu as

idades mais ao sul”. Kim pensava que se os bens culturais caíssem nas mãos do Norte uma segunda vez, seria impossível recuperá-los. Paek concordou e escreveu uma carta de aprovação em inglês para manter a confidencialidade.

Organizar o transporte de centenas de caixotes do museu parecia uma tarefa quase impossível. A escassez de veículos era severa, com a prioridade voltada para o deslocamento de tropas e refugiados. Foi então que Eugene I. Knez (1916-2010), antropólogo e diretor do Serviço de Informação dos Estados Unidos em Busan, então entrou em cena (figura 7). Reconhecendo a urgência da situação, Knez encontrou uma solução criativa e diplomática, conseguindo agilizar a aprovação do Embaixador dos Estados Unidos, John J. Muccio, para usar um trem de carga militar. Esses trens, que geralmente transportavam munições para a frente de combate, retornavam vazios para Busan. Knez persuadiu um oficial americano a liberar um desses trens e, com o apoio do Corpo de Transporte do Exército dos Estados Unidos, organizou caminhões para levar as peças do museu até a estação de Seul, garantindo o sucesso da operação (Jang, 2015).

Figura 7 – Kim Jaewon e Eugene I. Knez, que serviu como diretor do Serviço de Informação dos EUA em Busan durante a Guerra da Coreia.



Fonte: *National Museum of Korea/Korea Foundation*

Em 6 de dezembro, Kim comunicou ao ministro Paek sua partida para Busan. Acompanhados por um grupo de 16 pessoas, incluindo executivos do museu e suas famílias, embarcaram em um trem de carga. A operação foi conduzida de forma sigilosa, com o trem frequentemente parando por horas em diversas estações. Uma jornada que hoje levaria apenas duas horas e meia se estendeu por quatro dias. Pouco tempo depois, em 4 de janeiro de 1951, o exército norte-coreano retomou Seul.

O presidente Rhee Syngman compreendia a importância de proteger o patrimônio cultural da nação. Preocupado com a segurança das propriedades culturais evacuadas para Busan, buscou um plano de contingência para transferi-las para um local seguro no exterior e recorreu aos Estados Unidos em busca de apoio. No entanto, o Departamento de Estado dos Estados Unidos, temendo novas acusações de saques de artefatos, especialmente após às críticas internacionais recebidas quando o acervo do Museu de Arte de Berlim foi transferido para o país após a Segunda Guerra Mundial (Jang 2015), sugeriu o Japão como destino alternativo. Essa opção, porém, era inaceitável para Rhee. Felizmente, em março de 1951, as forças sul-coreanas e da ONU conquistaram Seul, garantindo que as tropas norte-coreanas e chinesas não ameaçassem mais Busan durante o restante da guerra (figura 8).

Figura 8 – Foto de 1952 mostra a equipe do Museu Nacional conduzindo uma reunião no prédio temporário do museu em Busan, a capital provisória do tempo de guerra. O Dr. Kim Jaewon, o primeiro diretor do museu, é visto no centro.



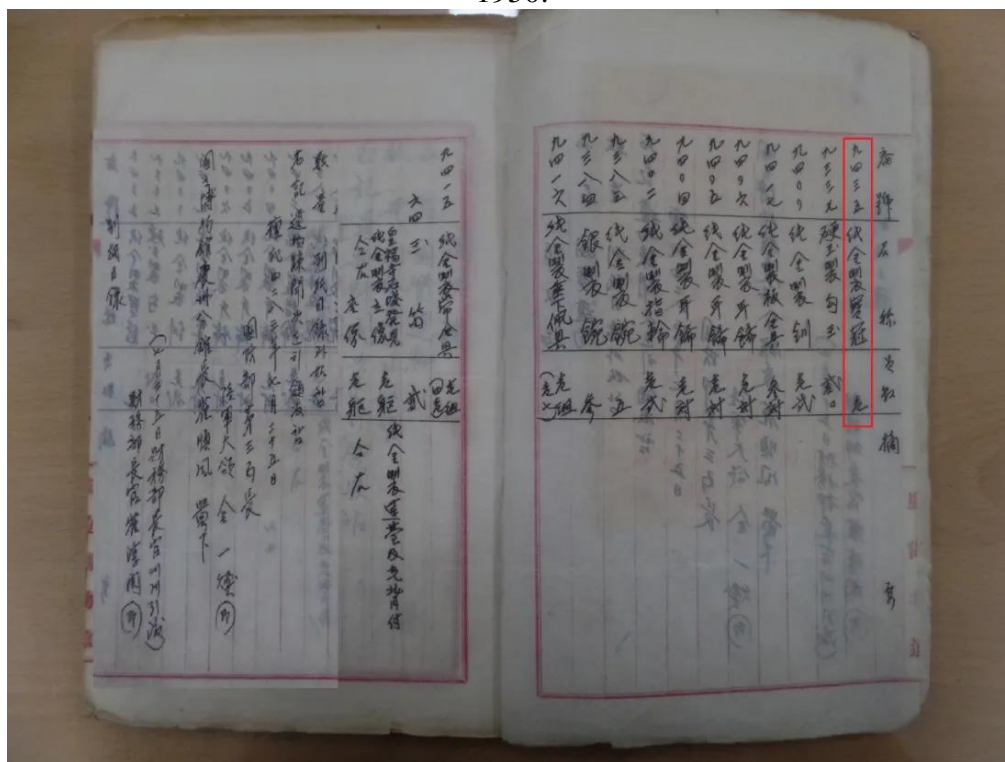
Fonte: *National Museum of Korea/Korea Foundation*

Em julho de 1950, poucas semanas após o início da guerra, o presidente Rhee Syngman ordenou ao Coronel Kim Il-hwan, do Ministério da Defesa Nacional, que transferisse 139 importantes objetos culturais, incluindo as coroas de ouro Silla, armazenadas na filial do Museu Nacional em Gyeongju, além do Banco de Barras de Ouro da Coreia. Esses tesouros foram enviados ao *Bank of America*, em São Francisco, para serem mantidos em segurança em seu cofre.

Dias depois o Coronel Kim Il-hwan visitou novamente. A equipe da filial de Gyeongju selecionou 124 (figura 9) itens de segunda categoria. Esses itens de segunda categoria incluíam estátuas e esculturas budistas, como uma estátua pensativa do Bodhisattva Maitreya em bronze dourado, uma estátua do Buda Sakyamuni sentado em bronze dourado, uma estátua em pé em bronze dourado e estátuas dos Quatro Reis Celestiais, além de objetos de celadon, incluindo um

jarro de celadon com duas orelhas e garças, uma tigela de celadon em forma de crisântemo e uma tigela de celadon com nuvens e garças incrustadas (tradução nossa)¹³.

Figura 9 – Lista de 124 artefatos da segunda categoria que foram levados para os Estados Unidos, compilada pela filial de Gyeongju do Museu Nacional da Coreia em 27 de julho de 1950.



Fonte: *Kyunghyang Shinmun Journal/ National Museum of Korea*

Posteriormente, os artefatos integraram a exposição Obras-Primas da Arte Coreana, que percorreu oito cidades americanas entre 1957 e 1958. Após a turnê, eles foram devolvidos em segurança à Coreia em 1959.

3.3 O Museu Nacional da Coreia com o fim da guerra

¹³ 이틀 뒤인 27일 김일환 대령이 다시 찾아왔다. 경주분관 직원들은 2순위, 즉 '제2급품' 124점을 골랐다. 제2급품은 금동미륵보살반가상과 금동석가여래 좌상, 금동입상, 사천왕상 등 불상 및 불교조각, 두 귀 달린 청자 긴목항아리, 청자 극화형 그릇(청자극화형합), 청자 상감 구름 학 무늬 사발 등 청자 등이 포함됐다. 김일환 대령은 1차에 이어 2차로 선택된 유물들까지 대구 한국은행으로 이송했다. 139점의 유물은 역시 대구 피란 중이던 한국은행 금괴와 함께 미국 샌프란시스코 '뱅크 오브 아메리카(Bank of America)'로 공수됐다.

Segundo o site do Museu Nacional da Coreia,¹⁴ com o armistício, em agosto de 1953, o acervo do Museu Nacional da Coreia foi realocado para uma filial em Namsan, uma área montanhosa no centro de Seul. Em 1955, o museu já se encontrava severamente afetado. Em junho deste mesmo ano, o Museu Nacional foi realocado para Seokjojeon dentro do Palácio Deoksugung (덕수궁)¹⁵. Houve um pedido do então diretor do museu Kim Jaewon ao Presidente Rhee Syngman para que o acervo fosse realocado para espaços apropriados para sua preservação. O presidente então ordenou que uma parte do Palácio Deoksugung, que havia sido destruída durante a guerra, fosse reconstruída e usada como o novo Museu Nacional, inaugurado ao público em junho de 1955. Em maio de 1969, o museu foi reorganizado e integrado com o *Deoksugung Art Museum*.

Vinte e sete anos após a sua inauguração, em 1972, o Museu Nacional da Coreia finalmente se estabilizou em seu próprio edifício localizado dentro do Palácio Gyeongbokgung, tendo assim voltado para seu primeiro endereço.

Projetado e construído pela Administração do Patrimônio Cultural, o edifício de 14.000 metros quadrados foi construído como uma réplica de um edifício de madeira de nível de tesouro nacional (figura 10).

O museu foi oficialmente nomeado Museu Nacional da Coreia nessa época. Em um terceiro período da história do museu dentro do Palácio Gyeongbokgung, ele foi transferido do escritório central para duas outras localidades dentro do próprio palácio.

Em 1986, um projeto começou a transformar o antigo edifício do Governo Geral de Joseon em um museu, com um investimento de 27,7 bilhões de won (moeda coreana). O museu foi inaugurado em 21 de agosto de 1986, com cerca de 7.500 artefatos em exposição em vinte e sete salas.

O novo projeto incluía iluminação especial, ar-condicionado, desumidificadores, sistema antirroubo e de prevenção de incêndio em todas as galerias e reservas técnicas.

¹⁴ Disponível em: <https://www.museum.go.kr/ENG/contents/E0603010000.do?>. Acesso em 18 de outubro de 2025.

¹⁵ Deoksugung começou como o palácio de um príncipe Joseon do século XV. Tornou-se a residência oficial do rei durante a Guerra Imjin (1592), quando os outros palácios foram destruídos, depois que Changdeokgung foi reconstruído em 1618, o Deoksugung voltou ao status auxiliar. O palácio só foi chamado de "Deoksugung" em 1909, quando se tornou a residência do imperador aposentado Gojong; antes disso, teve vários outros nomes. A residência de Gojong, o Seokjojeon, foi o primeiro edifício de palácio moderno na Coreia, dando a Deoksugung uma mistura interessante de edifícios modernos e tradicionais. Como outros palácios em Seul, foi fortemente danificado durante a ocupação japonesa e posteriormente restaurado.

Figura 10 – Edifício onde abrigava o Museu Nacional da Coreia, atualmente abriga o National Folk Museum



Fonte: Flickr do fotografo Manfred Sommer

Algumas das exposições especiais que aconteceram no novo museu incluíram: “Pintura Coreana: 1850-1950” (1987), “A Beleza da Coreia: Trajes Tradicionais, Ornamentos e Envoltórios de Tecido” (1988), “Escultura Budista do Período dos Três Reinos” (1990) e “Exposição Especial das Pinturas de Kim Hong-do” (1995).

Figura 11 – Edifício do Governo-Geral japonês



Fonte: *Seoul Museum of History*

A mudança do Museu Nacional da Coreia para o antigo edifício do Governo Geral japonês (figura 11) gerou uma considerável controvérsia¹⁶ no país, já que para muitos coreanos aquele edifício em particular era visto como um símbolo do colonialismo. A discussão sobre a demolição do edifício foi retomada posteriormente. O embate ocorreu entre o lado pró-demolição (o governo coreano e os sul-coreanos que desejavam “limpar” os vestígios vergonhosos do imperialismo japonês) e o lado pró-conservação (jornalistas e cidadãos japoneses, além de estudiosos coreanos que consideravam esse edifício uma conquista arquitetônica) (Hwang, 2016).

Com essa desaprovação da população, o governo coreano decidiu demolir o edifício (figura 12) e construir um novo museu em um local diferente. O local escolhido foi *Yongsan Family Park* em Seul. O projeto proposto levaria cerca de dez anos para ser concluído, então, em dezembro de 1996, o Museu Nacional da Coreia foi temporariamente transferido para o prédio renovado do *Social Education Center*, no interior do Palácio de Gyeongbokgung.

Figura 12 – Demolição do antigo edifício do Governo Geral japonês



Fonte: *Seoul Museum of History*

Durante esse período, algumas exposições especiais aconteceram. Mais de 12.000 relíquias foram doadas ao museu entre os anos de 2000 e 2004, confirmando a resposta positiva do povo coreano à mudança do museu para Yongsan. Em abril de 2001, o Museu Nacional da

¹⁶ Para saber mais sobre esse assunto: PARK, Chan-Soo; LEE, Ji-Hoon. *The Battleship Building: A Study of the Japanese Government-General Building (1926–1995)*. *Journal of Korean Architecture and Urban History*, Seoul, v. 25, n. 2, p. 87–115, 2016 e CHOI, Eun-Ju. *Debates over “Difficult Heritage” in South Korea: The Japanese Colonial Architecture and the Politics of Memory*. *Korean Journal of Cultural Heritage Studies*, Seoul, v. 63, n. 1, p. 208–233, 2023.

Coreia assumiu a direção da construção em seu novo endereço. Em outubro de 2004, ele foi temporariamente fechado para sua mudança.

3.4 O museu e sua sede permanente

Exatamente um ano após seu fechamento temporário, o Museu Nacional da Coreia reabriu em 2005 em sua nova sede permanente em Yongsan, em um terreno de 307.227 m² (área construída de 45.438 m²). Yongsan, o coração geográfico de Seul, é apoiado pelo expansivo Monte Namsan e tem como fachada o rio Han. Yongsan também é o verdadeiro centro cultural de Seul, situado ao sul dos cinco palácios da Dinastia Joseon e do Memorial de Guerra, e ao norte da Biblioteca Nacional e do Centro de Artes de Seul (figura 13).

Figura 13 – Mapa ampliado mostrando a atual localização do Museu Nacional da Coreia



Fonte: Adaptado pelo Autor

O projeto do arquiteto Robert Siegel¹⁷ foi reconhecido com uma menção honrosa e ficou entre os dez finalistas de uma competição internacional aberta para a criação de um novo museu dedicado à cultura coreana (figura 14). Siegel liderou uma equipe colaborativa que contou com a parceria de duas renomadas empresas de arquitetura coreanas, *Samoo Architects e Kunwon International Architects*. O museu foi planejado para um local em Seul que anteriormente

¹⁷ <https://www.siegel.design/all-projects/national-museum-of-korea>

abrigava uma base do exército americano, situado em um parque proposto como eixo de instituições culturais, conectando-se ao centro histórico da cidade.

Figura 14 – Sede permanente do Museu Nacional da Coreia



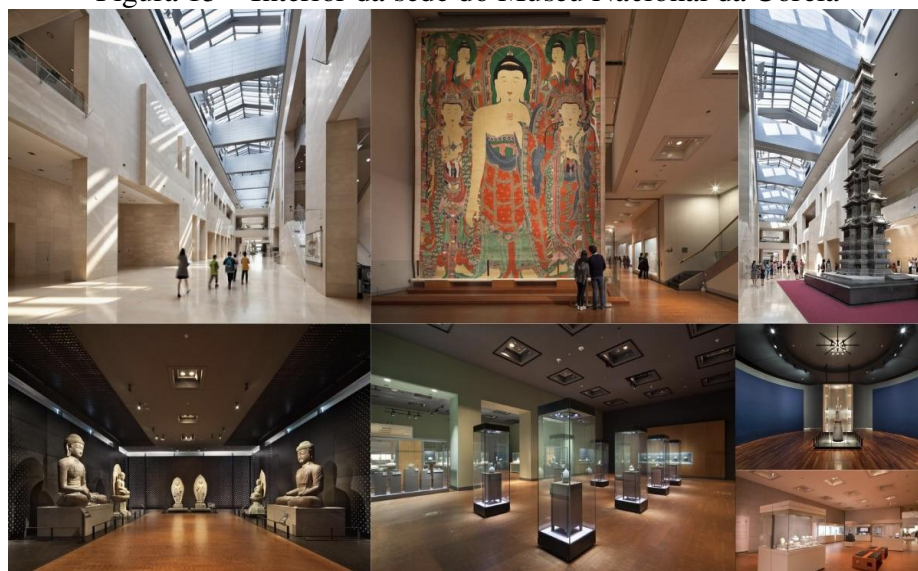
Fonte: Adaptado pelo Autor.

A arquitetura e o design (figura 14) do museu foram cuidadosamente elaborados para atender às exigências específicas de preservação, sustentabilidade e acessibilidade. O projeto incluiu a construção de ambientes altamente controlados para a conservação de artefatos, com armazenamento categorizado por tipo de material e equipado com filtros para remoção de gases e dispositivos de fumigação. As vitrines foram projetadas com tecnologia avançada, com iluminação com fibra óptica e filtros UV, para proteger os objetos contra danos causados pela luz. Além disso, o museu foi equipado com sistemas modernos de segurança, incluindo detecção precoce de incêndios, medição arquitetônica precisa e integração de tecnologias antidesastres e anticrime.

Com foco na sustentabilidade, o edifício foi planejado seguindo princípios de energia verde, minimizando custos ao longo de seu ciclo de vida. Foram implementados sistemas inteligentes para economia de energia, como o uso de eletricidade noturna, tecnologias de volume de ar variável (VAV) e frequência variável de tensão (VVVF), recuperação de calor residual e reaproveitamento de águas cinzas e pluviais. A iluminação também foi cuidadosamente projetada, criando um ambiente confortável e funcional, que respeita a natureza de cada artefato, utilizando luz natural filtrada para bloquear raios ultravioleta.

O projeto ainda inclui uma infraestrutura digital robusta, com a criação de um museu virtual e a construção de um banco de dados abrangente, além de serviços interativos disponibilizados pela internet. Esse projeto combina de forma exemplar tecnologia, sustentabilidade e cuidado cultural, criando um espaço que protege e celebra o rico patrimônio cultural da Coreia.

Figura 15 – Interior da sede do Museu Nacional da Coreia



Fonte: Adaptado pelo Autor.

De acordo com o site do museu, ele foi construído como um “complexo cultural” acessível a todos os coreanos (figura 15). O novo Museu Nacional da Coreia ampliou sua missão, passando a não apenas preservar e exibir suas coleções, mas também a promover uma ampla gama de programas e eventos culturais, integrando essas atividades ao Museu das Crianças e às exposições de longa duração. Desde 2008, o museu oferece entrada gratuita para todas as suas exposições, uma iniciativa que aumentou significativamente sua popularidade e ajudou a transformar a percepção de que os museus são espaços para visitas esporádicas, incentivando um público mais diversificado e frequente.

3.5 Museu das crianças

O Museu das Crianças¹⁸ é um exemplo marcante das mudanças que estão acontecendo atualmente no mundo dos museus, especialmente quando falamos de como se faz a mediação cultural e se forma o público. Mais do que um simples espaço de diversão ou um complemento, essa área do museu traz uma abordagem pedagógica que se alinha aos modelos de museus educativos e participativos, como discutido por Hooper-Greenhill (1999). Aqui, o visitante não é apenas um receptor passivo de informações; ele assume um papel ativo na construção do conhecimento.

A organização espacial e curatorial do Museu das Crianças foca em experiências interativas, sensoriais e práticas, mudando o foco tradicional da exposição, que geralmente se

¹⁸ *National Museum of Korea Children's Museum*

baseia na autoridade do objeto e no discurso institucional para a vivência do visitante. Essa abordagem se conecta com críticas frequentes à museologia clássica, que, ao longo da história, tem reforçado relações de poder entre a instituição, o acervo e o público (Bennett, 1995). Ao permitir que as crianças toquem, experimentem e criem, o museu sugere uma relação menos sacralizada com o patrimônio, mesmo que essa interação seja cuidadosamente controlada e guiada pela instituição.

Sob a ótica da educação patrimonial, o espaço se torna um verdadeiro meio de socialização cultural, onde valores, histórias e noção de identidade nacional são passados de geração em geração, começando na infância. Como destacam Smith (2006) e Kirshenblatt-Gimblett (1998), o patrimônio não é algo neutro; é uma construção discursiva criada por instituições que escolhem, organizam e interpretam o que chamamos de passado. Nesse contexto, o Museu das Crianças tem o papel crucial na forma como certas narrativas sobre a história e a cultura coreana são apresentadas (figura 16). Ele faz isso de maneira acessível e envolvente, mas isso não significa que esteja livre de intenções políticas e simbólicas.

Figura 16 – Diferentes exposições de longa duração no Museu das Crianças



Fonte: Adaptado pelo autor.

Embora o discurso institucional, a ludicidade, a criatividade e a diversidade cultural, são fundamentais para reconhecer que essas práticas educativas também funcionam como ferramentas para formar uma consciência patrimonial que se alinha ao projeto nacional do museu. Como Bourdieu (1983) aponta, os processos educativos em espaços culturais ajudam a reproduzir disposições simbólicas e formas legítimas de entender o patrimônio. Dessa forma, o incentivo à imaginação e à reflexão crítica acontece dentro de limites que já foram definidos pelo enquadramento curatorial e pedagógico da instituição.

Com a inauguração da sede definitiva do Museu Nacional da Coreia em Yongsan, consolidou-se uma nova fase na política museológica do país. No entanto, a centralização dos acervos em Seul evidenciou a necessidade de expandir a acessibilidade cultural para além da capital. Como resposta, o governo desenvolveu uma rede de museus regionais, que não apenas

descentraliza a preservação e a pesquisa do patrimônio, mas também promove a valorização das especificidades locais e sua importância na difusão do patrimônio cultural coreano.

3.6 Os 13 Museus Nacionais - Regionais

O Museu Nacional da Coreia, localizado em Seul, desempenha um papel fundamental na gestão de 13 museus nacionais regionais, uma iniciativa que se baseia em objetivos culturais, educacionais e na preservação do patrimônio histórico. Essa rede de museus foi criada para descentralizar o acesso à cultura e à história, garantindo que não apenas os moradores da capital, mas também as comunidades de outras regiões possam aproveitar exposições e atividades culturais de alta qualidade. Assim, promove-se uma distribuição mais justa dos recursos culturais, ampliando seu alcance e impacto

Cada museu regional é projetado para preservar e destacar o patrimônio único de sua área. A Coreia, com sua rica diversidade histórica e cultural, abriga tradições e artefatos que variam bastante entre as regiões. Esses museus oferecem um espaço dedicado à promoção das particularidades locais, valorizando narrativas, objetos e tradições que muitas vezes são diferentes de outras partes do país. Dessa forma, eles se tornam verdadeiros guardiões da identidade regional, enquanto também integram a história nacional.

Além disso, os museus regionais desempenham um papel essencial, funcionando como centros de aprendizado e pesquisa. Eles promovem o conhecimento e a cultura locais, oferecendo programas que enriquecem tanto os residentes quanto os visitantes. Ao mesmo tempo, servem como pólos de pesquisa acadêmica, disponibilizando acesso a artefatos e documentos específicos da região, contribuindo para avanços no estudo do patrimônio cultural coreano.

Um ponto que merece destaque é o impacto econômico e turístico. Ao atrair visitantes para regiões para além da capital, os museus regionais impulsionam o desenvolvimento econômico, promovendo o turismo cultural como uma fonte importante de renda. Essa abordagem ajuda a fomentar o crescimento das comunidades ao redor, criando oportunidades e fortalecendo o setor turístico.

Além disso, a gestão descentralizada das coleções assegura uma conservação mais eficaz dos artefatos. Quando mantidos e exibidos em suas regiões de origem, os itens podem ser preservados em condições ideais, evitando os riscos que vêm com o transporte por longas distâncias. Isso não só melhora a gestão do acervo, mas também valoriza os vínculos históricos e culturais das peças com seus locais de origem.

Quadro 1 – Museus Nacionais Regionais da Coreia do Sul

| Museu Nacional Regional | Ano de criação | Foco principal / Área temática |
|---|-----------------------|--|
| Gyeongju National Museum (경주국립박물관) | 1945 | Arqueologia e cultura do Reino Silla; preservação de tesouros como coroas, jóias e esculturas budistas. |
| Buyeo National Museum (부여국립박물관) | 1929 (reaberto 1975) | Cultura e arte do Reino Baekje; escavações de tumbas reais e sítios do período dos Três Reinos. |
| Gongju National Museum (공주국립박물관) | 1940 (reaberto 1975) | Arqueologia do Reino Baekje; exhibe achados do Túmulo do Rei Muryeong e artefatos funerários. |
| Jeonju National Museum (전주국립박물관) | 1990 | Cultura da província de Jeolla; arte popular, cerâmica e patrimônio imaterial regional. |
| Gwangju National Museum (광주국립박물관) | 1978 | História e arqueologia do sudoeste coreano; coleções de cerâmica, esculturas budistas e tumbas antigas. |
| Daegu National Museum (대구국립박물관) | 1994 | Arqueologia e cultura da região de Gyeongsang; foco em artefatos têxteis e vestimentas tradicionais. |
| Jinju National Museum (진주국립박물관) | 1984 | História militar e patrimonial da Guerra Imjin (1592–1598); armas, mapas e documentos históricos. |
| Cheongju National Museum (청주국립박물관) | 1987 | História da impressão e do livro na Coreia; preserva o <i>Jikji</i> , o mais antigo livro impresso em metal móvel. |
| Chuncheon National Museum (춘천국립박물관) | 2002 | Cultura pré-histórica e arqueológica da região de Gangwon; foco em arte rupestre e objetos neolíticos. |
| Gimhae National Museum (김해국립박물관) | 1998 | Civilização Gaya; cerâmica, armaduras e tumbas reais do sul da península. |

| | | |
|---|------|--|
| Iksan National Museum (익산국립박물관) | 1997 | Cultura do Reino Baekje em Iksan; patrimônio arqueológico dos templos Mireuksa e Wanggung-ri. |
| Jeju National Museum (제주국립박물관) | 2001 | História e cultura marítima da ilha de Jeju; arqueologia subaquática e tradições locais. |
| Naju National Museum (나주국립박물관) | 2013 | Cultura Mahan e arqueologia dos túmulos de Bannam; destaque para coroas e objetos em bronze dourado. |

Fonte: Criado pelo autor.

Os treze museus regionais, como mostrado acima (quadro 1), têm cada um seu próprio perfil, mas estão interligados por diretrizes museológicas definidas pela Administração do Patrimônio Cultural da Coreia e pelo Museu Nacional da Coreia¹⁹. Essa estrutura de governança centralizada reflete um modelo de Estado que, ao mesmo tempo em que busca valorizar a diversidade regional, mantém sob controle a narrativa identitária da nação.

A rede de museus regionais pode ser vista como uma extensão da lógica de “comunidades imaginadas” proposta por Benedict Anderson em 1983. Assim como os jornais e mapas, os museus atuam como ferramentas de construção da imaginação nacional. Ao exibir artefatos de diversas regiões dentro de uma narrativa coesa sobre a história da Coreia, o Estado cria a ilusão de uma continuidade entre grupos culturais que, na verdade, tiveram experiências muito diferentes ao longo do tempo.

Durante o regime autoritário de Park Chung-hee, que durou de 1961 a 1979, houve um forte incentivo à criação de museus regionais. O objetivo era reforçar a coesão nacional e promover a ideia de uma “cultura baseada na ideia de um único povo” (단일민족문화) (Kim; F. Vogel, 2011), um aspecto essencial do projeto de modernização econômica. Essa política ligava o patrimônio arqueológico e artístico a valores morais e à unidade étnica, enquanto minimizava as diferenças regionais e apagava vestígios da diversidade cultural e pré-colonial.

Entretanto, a partir da democratização na década de 1980, o papel dos museus regionais começou a passar por uma transformação significativa. As novas diretrizes museológicas passaram a valorizar a conexão com as comunidades locais e a reconhecer a diversidade cultural que existe dentro delas. Segundo Pierre Nora (1984), os “lugares de memória” surgem quando a memória viva se esvai e a sociedade sente a necessidade de preservá-la em instituições. Nesse

¹⁹ Disponível em: Museum and Art Gallery Promotion Act .Acesso em 5 de novembro de 2025.

contexto, os museus regionais se tornaram espaços onde o Estado e as comunidades locais dialogam sobre o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido, funcionando, assim, como ferramenta de política da memória.

As transformações expográficas dos museus regionais da Coreia mostram como a relação entre o centro e a periferia passou por mudanças significativas. Durante as décadas de 1970 e 1980, as exposições seguiam um modelo cronológico-linear, que refletia uma narrativa centrada no progresso civilizatório, desde a pré-história até o reino unificado, culminando na formação do Estado moderno. Essa abordagem reforçava a ideia de continuidade histórica e cultural, servindo como uma representação visual que legitimava a noção de uma nação coesa e com raízes profundas.

A partir dos anos 2000, começa-se a notar uma mudança significativa em direção a modelos mais temáticos e participativos, especialmente após a inauguração do novo edifício do Museu Nacional da Coreia em Yongsan, em 2005. Essa inauguração realmente redefiniu o padrão dos museus no país (Heo; Lee, 2025). Museus regionais, como o de Jeonju e Daegu, começaram a adotar recursos multimídia, estações interativas e exposições temporárias que abordam temas contemporâneos, como urbanização, meio ambiente e memória de guerra. Essas transformações refletem uma tendência global de mudar a percepção do museu de um “templo da cultura” para um espaço de experiência, como sugere Tony Bennett em 1995.

Um exemplo notável é o Museu Nacional Regional de Gwangju, que, após a reforma de 2011, expandiu suas galerias para incluir seções dedicadas à vida cotidiana, à cerâmica popular e à arte moderna local (Jang, 2021). Essa reconfiguração não só diversificou o público visitante, mas também mudou o foco do discurso oficial da “glória nacional” para a pluralidade das experiências regionais. O mesmo acontece em Buyeo, onde a narrativa arqueológica tradicional foi interpretada a partir da museografia sensorial, que destaca o diálogo entre ruínas, paisagem e memória do antigo reino Baekje, promovendo uma leitura mais emocional e menos hierárquica da história.

As estratégias expográficas utilizadas pelos museus regionais podem variar bastante de acordo com o contexto local, mas geralmente se encaixam em três categorias principais. A primeira é a exposição cronológica tradicional, que ainda pode ser encontrada em museus como o de Gimhae. Esse tipo de exposição organiza a narrativa desde a cultura Gaya até o período Joseon, destacando a continuidade civilizacional e reforçando a imagem de uma Coreia histórica e homogênea. A segunda categoria é a exposição temática e interpretativa, como a que vemos em Jeju, onde as histórias sobre a cultura marítima e a vida insular ressaltam a singularidade da região, sem perder de vista a conexão com o todo nacional. Por último, temos

a exposição participativa e comunitária que é uma característica do Museu Nacional Regional de Daegu. Esse museu convida os moradores a contribuírem com objetos e histórias locais, promovendo uma abordagem colaborativa e afetiva da museologia.

Essas três vertentes mostram como a expografia atua como uma ferramenta política na construção do pertencimento. Ao selecionar certos objetos, legendas e percursos, o museu molda bandeiras de se ver e sentir a nação. Como Homi Bhabha (1990) observa, a nação não é um ente fixo, mas sim um “discurso performativo”, que está sempre sendo articulado por práticas culturais. Nesse contexto, as exposições regionais servem como palcos para a negociação simbólica entre narrativas oficiais e identidades locais.

Quando se fala em museus, é evidente que há um esforço crescente para integrar tecnologia e multimodalidade como realidade aumentada, projeções interativas, vídeos e sons ambientais, tudo isso para aproximar o público das histórias que estão sendo contadas. Essa mudança estética e comunicacional não é apenas uma atualização técnica; é uma tentativa de criar uma conexão emocional com a história, reconhecendo os cidadãos ao passado por meio de experiências sensoriais. No entanto, ainda existe o risco de que o museu se torne um mero espetáculo, especialmente quando a tecnologia substitui o diálogo crítico.

Um aspecto que merece destaque nas transformações recentes é a inclusão das chamadas “memórias difíceis”, que se referem a temas como conflitos, colonização e guerra. Museus como o de Jeonju e o de Chuncheon têm se esforçado para adicionar seções que discutem o impacto da ocupação japonesa e da Guerra da Coreia na cultura local. Essa mudança representa uma nova abordagem em relação ao passado; em vez de esconder a violência, busca-se interpretá-la como uma parte essencial da história nacional (Ahn, 2025).

A inclusão dessas narrativas traumáticas aproxima a Coreia do Sul de debates globais sobre museologia pós-colonial, onde o papel do museu deixa de ser apenas o de representar uma identidade homogênea e passa a ser o de mediar conflitos de memória. Aqui, a teoria da “memória coletiva” de Maurice Halbwachs (1950) é essencial, pois a lembrança é sempre construída socialmente, e o museu desempenha o papel de mediador dessa construção. Quando o museu insere o trauma dentro de uma narrativa nacional compartilhada, ele transforma o sofrimento em uma forma de ensino, não negando a fragmentação, mas ensinando a conviver com ela.

Apesar dos avanços, a rede de museus regionais na Coreia ainda enfrenta um dilema entre centralização administrativa e autonomia local. Muitos desses museus continuam sob forte influência das diretrizes do Museu Nacional da Coreia, o que acaba limitando inovações curatoriais e a plena inclusão das vozes das comunidades. Além disso, a distribuição desigual

de recursos e a concentração de visitantes em Seul mostram que a descentralização cultural ainda é mais uma ideia do que uma realidade efetiva.

Por outro lado, a criação de programas colaborativos, como o *National Museum Partnership Project* tem estimulado a troca de experiência entre museus, universidades e comunidades. Isso tem promovido exposições itinerantes e ações educativas em nível regional. Essas iniciativas estão alinhadas com uma museologia crítica, conforme a visão de Eileen Hooper-Greenhill (2000), que entende o museu como “espaço discursivo” e não apenas como um guardião de verdades históricas.

As transformações dos treze museus regionais vão muito além de simples mudanças institucionais; elas refletem a jornada de um país que busca equilibrar unidade e diversidade, tradição e modernidade. Desde seu surgimento como um meio de coesão nacional até seu atual papel como espaços de diálogo e mediação cultural, esses museus têm desempenhado um papel fundamental na reconfiguração do imaginário sobre o que significa ser coreano (Joo; Kim, 2025).

Os museus regionais, portanto, se transformam em verdadeiras arenas simbólicas, onde o passado é constantemente reinterpretado e a identidade nacional é expressa de novas maneiras. No cruzamento entre a herança arqueológica, a história moderna e a vivência cotidiana das comunidades locais, eles reafirmam que a nação não é um monumento fixo, mas uma construção dinâmica, feita de memórias, disputas e afetos compartilhados.

3.7. O futuro do Museu

A adesão da Coreia do Sul ao Conselho Internacional de Museus (ICOM), em 1978, foi um marco importante para a museologia no país. Antes disso, as práticas museológicas na Coreia do Sul estavam profundamente ligadas à necessidade de reconstrução nacional após a guerra, além de se esforçarem para preservar uma herança cultural que havia sido fragmentada pela ocupação japonesa e pelo conflito da Guerra da Coreia (Kim, 2014). Nesse cenário, a entrada no ICOM representou mais do que uma simples formalidade; foi uma declaração do desejo de se reposicionar no cenário global, de legitimar suas instituições culturais no exterior e de projetar sua identidade além de suas fronteiras. Fundado em 1946, o ICOM se afirmou como principal espaço de diálogo entre museus de diferentes países, promovendo diretrizes éticas e técnicas de conservação que, naquele momento, se tornaram uma referência essencial para a Coreia do Sul (ICOM, 1996).

No volume de inverno de 2021 (nº 54) da revista *National Museum of Korea Quarterly Magazine*, que celebrou o 15º aniversário do Museu Nacional da Coreia em sua sede permanente, foi apresentada uma estratégia intitulada “Estratégia para o Futuro, abrindo uma Nova Era 2030”. Essa estratégia trouxe à tona um novo horizonte institucional, resumido no lema “Museu para Você, Seja Quem for, Onde Esteja”, que reflete a ambição de transformar o museu em um espaço aberto, inclusivo e global. Estruturada em três eixos principais “Museu criando Vida”, “Museu Liderando o Futuro” e “Museu Fazendo o Mundo”, a proposta delinea um plano abrangente. O primeiro eixo destaca a conexão do museu com a vida cotidiana, promovendo a acessibilidade universal e desenvolvendo programas específicos para crianças, idosos e pessoas com deficiências. O segundo eixo foca na inovação tecnológica, integrando recursos como inteligência artificial, realidade aumentada e 5G, ao mesmo tempo em que levanta questões sobre os limites de uma digitalização excessiva. Por fim, o terceiro eixo posiciona o museu como agente ativo no cenário internacional, buscando fortalecer a identidade coreana em diálogo com outras culturas e criar redes de intercâmbio que ultrapassem fronteiras físicas e temporais.

O ano de 2025 é um ano de comemorações para o Museu Nacional da Coreia, uma série de exposições especiais²⁰ está sendo realizada para eventos importantes, como o 80º aniversário da libertação da Coreia do domínio colonial japonês e o 60º aniversário da normalização diplomática entre Coreia e Japão. Este ano também é especial pois comemora-se os 80 anos da fundação do museu, que surgiu após a transição do Museu Geral do Governo japonês, e os 20 anos de sua mudança para o local atual, no distrito de Yongsan, coração de Seul:

Agora é o momento para o Museu Nacional da Coreia evoluir ainda mais e solidificar sua posição como um importante centro cultural que representa a nação", disse Kim Jae-hong, diretor do Museu Nacional da Coreia, durante uma coletiva de imprensa, ao revelar um ambicioso roteiro baseado em quatro princípios: empatia, abertura, integração e coexistência.²¹ (Yim, 2025, § 4).

Essas iniciativas revelam um projeto museológico que não se limita à preservação do passado, mas assume a responsabilidade de construir o futuro, equilibrando inovação e tradição. A Coreia do Sul, ao inscrever seus museus em uma lógica global, reafirma sua identidade cultural enquanto participa ativamente de um circuito internacional cada vez mais interconectado.

²⁰ Disponível em: National Museum of Korea to celebrate anniversaries with special exhibits. Acessado em 04 de outubro de 2025.

²¹ Disponível em: “김재홍 국립중앙박물관장 “모두가 함께하는 박물관으로 나아갑니다” - 전라매일.” Acesso em: 04 de outubro de 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do Museu Nacional da Coreia permite compreender como os processos de formação museológica no Leste Asiático se entrelaçam com dinâmicas políticas, culturais e identitárias de longa duração. A trajetória da instituição marcada pela ocupação japonesa, pela Guerra da Coreia e pela reconstrução nacional revela que o museu foi concebido não apenas como espaço de preservação, mas como instrumento de afirmação de soberania cultural. Desde a sua fundação em 1945, o museu desempenhou um papel decisivo na redefinição da memória nacional, configurando-se como lugar de disputa simbólica entre narrativas coloniais e pós-coloniais.

Sob a perspectiva das teorias da memória, pode-se compreender o museu como um “lugar de memória” no sentido proposto por Pierre Nora (1984), um espaço em que o passado é constantemente reatualizado para responder às demandas do presente. Ao mesmo tempo, o Museu Nacional da Coreia materializa o que Maurice Halbwachs (1990) denomina memória coletiva, na medida em que organiza e institucionaliza lembranças compartilhadas que reforçam a coesão identitária do país. Nesse processo, a seleção, a conservação e a exibição dos objetos atuam como mecanismos de construção simbólica da identidade nacional. Como sugere Paul Ricoeur (2007), a memória é sempre um ato interpretativo, e o museu, ao narrar o passado, produz sentidos que revelam tanto a busca por um reconhecimento quanto a necessidade de reconciliação com as feridas históricas.

A experiência coreana evidencia, portanto, que a museologia, quando situada fora dos centros hegemônicos de produção do conhecimento, assume contornos próprios, mais diretamente relacionados à sobrevivência cultural e à reconstrução identitária. O Museu Nacional da Coreia constitui um caso paradigmático de museologia crítica asiática, ao traduzir em suas práticas expositivas e institucionais a complexa negociação entre deslocamento físico do museu, de uma sede colonial à sua sede atual em Yongsan, simboliza o esforço contínuo de descolonizar a paisagem urbana e o imaginário nacional.

Ao mesmo tempo, o caso coreano dialoga com desafios globais enfrentados pelos museus do século XXI. O primeiro deles é o da descolonização, entendida não apenas como devolução de objetos ou revisão de narrativas, mas como transformação epistemológica que questiona as formas ocidentais de legitimar o conhecimento. Nesse ponto, a Coreia do Sul apresenta uma experiência singular, um país que foi colonizado, mas que hoje projeta

internacionalmente por meio de seus museus, universidades e políticas culturais, contribuindo para deslocar o eixo da produção de conhecimento museológico para o Sul global.

Outro aspecto relevante é a utilização do patrimônio como instrumento de *soft power*. A expansão da rede de museus regionais e a crescente internacionalização do Museu Nacional da Coreia revelam como a política cultural coreana articula memória e diplomacia cultural. Ao exibir suas coleções no exterior e investir na digitalização de acervos, o país converte a cultura em uma força de atração global, processo que reafirma o papel do museu como mediador entre tradição, tecnologia e identidade nacional.

Por fim, a questão da identidade cultural atravessa toda a experiência museológica coreana. O museu, ao narrar a história do país, atua como um espelho no qual a sociedade se reconhece e se interroga. A memória, como destaca Joël Candau (2012), é sempre efetiva e seletiva, essa seletividade, quando institucionalizada, revela os valores e as tensões que estruturam uma coletividade. A preservação de objetos e narrativas locais não busca apenas reconstruir o passado, mas projetar uma imagem de futuro que concilie modernidade e ancestralidade. Essa articulação entre memória e inovação aproxima a Coreia de um movimento mais amplo de reinvenção museológica global, no qual os museus se tornam espaços de escuta, diálogo e reequilíbrio simbólico entre culturas.

Assim, compreender o fazer museu no Leste Asiático, e particularmente na Coreia do Sul, significa reconhecer que a museologia contemporânea não pode mais ser pensada a partir de um único eixo civilizacional. O Museu Nacional da Coreia exemplifica o potencial de uma museologia situada, que, ao mesmo tempo em que preserva história, atua criticamente sobre ela, contribuindo para repensar o papel dos museus no mundo globalizado, plural e pós-colonial.

REFERÊNCIAS

- AHN, Ju Hong. **A cooperação entre museus regionais e comunidades locais na província de Chungcheongnam-do: o caso da Vila Tartaruga em Hongseong**. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade da Coreia, Seul, 2025. [안, 주홍. 충청남도 지역박물관과 마을공동체의 상생: 홍성 거북이마을을 중심으로. 2025. 박사학위논문 (교육학박사)]
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENNETT, Tony. **The Birth of the Museum: History, Theory, Politics**. Londres: Routledge, 1995.
- BHABHA, Homi K. **Nation and Narration**. Londres: Routledge, 1990.
- BYUN, Seongcheol. Cultural Policy in South Korea. In: KHATIB, Lina; WEISS, Peter (org.). **Routledge handbook of cultural policy**. London: Routledge, 2020. p. 320–333.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHOE, Kwang-shik. **100 Years of Korean Museums: History and Meaning**. The International Journal of Korean Art and Archaeology, v. 3, 2009.
- CHOI, E. **The Making of the National Museum of Korea and Cultural Identity in Post-Colonial Korea**. Seoul: National Museum of Korea, 2013.
- CUMINGS, Bruce. **Korea's place in the sun: a modern history**. New York: W. W. Norton & Company, 2005.
- DUDDEN, Alexis. **Japan's colonization of Korea: discourse and power**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2005.
- ECKERT, Carter J. et al. **Korea Old and New: A History**. Seoul: Ilchokak, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALMENSCHLAGER, Vanessa. **Museus na web: um estudo de caso do Museu Nacional da Coreia do Sul**. 2024. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2025. Disponível em: Repositório UFSC. Acesso em 17 ago. 2025.
- HEO, Jun-Young; LEE, Jae-Hong. **A Chronological Review of the Expansion of the Museum's Role in Relation to Spatial Changes. Buildings**. v. 15, n. 11, p. 1952, 2025.
- HONG, Kal. **Exhibiting Colonialism: The Japanese Colonial Museum in Korea and the Politics of Representation**. Positions: Asia Critique, v. 21, n. 1, p. 161-194, 2013.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museums and the Interpretation of Visual Culture**. Londres: Routledge, 2000.

HWANG, So Young. **The Politics of Museum Representation in Colonial Korea: The Museum of the Government-General of Korea (1910–1945)**. 2016.

ICOM. **History of ICOM, 1946-1996**. Paris: ICOM, 1996. Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/History_of_ICOM__1946-1996_-2.pdf. Acesso em: 22 set. 2025.

JANG, Hyojin. **A New Asian Ceramics Gallery at the Gwangju National Museum**. NMK Webzine — National Museum of Korea Webzine, v. 56, 2021.

JANG, Sang-hoon. **A representation of nationhood: The National Museum of Korea**. 2015. Tese (Ph.D.) – University of Leicester, Leicester, 2015.

JIN, Dal Yong. **New Korean wave: transnational cultural power in the age of social media**. Urbana: University of Illinois Press, 2016.

JOO, Hyeonyoung; KIM, Hyein. **A Study on the Conditions for Establishing Regional Branches of National Museums: A Comparative Case Analysis**. *문화예술경영학연구 (Journal of Arts and Cultural Management)*, v. 18, n. 1, p. 9-29, abr. 2025. [국립뮤지엄 지역분관 건립을 위한 고려조건에 대한 고찰: 사례 분석을 중심으로. — 고려대학교 대학원, 서울, 2025.]

KANG, Guyeol (강구열). **A destruição ostensiva do Palácio Gyeongbokgung...** Hankyoreh, Seoul, 31 jan. 2019. [강구열. 보란듯이 경복궁 훼손... 조선의 최후와 일제 독재의 서막 열다 / 강구열의 문화재 썰전]

KARP, Ivan; LAVINE, Steven D. (orgs.). **Exhibiting Cultures: The Poetics and Politics of Museum Display**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991.

KIM, Byung-Kook; VOGEL, Ezra F. (orgs.). **The Park Chung Hee Era: The transformation of South Korea**. London: Harvard University Press, 2013.

KIM, H. J. **Postcolonial Transitions and the National Museum of Korea**. *Korean Studies*, v. 38, n. 2, p. 215–238, 2014.

KIM, Jaewon. **A autobiografia do primeiro museu: uma vida com o museu**. [S.l.]: [s.n.], 2013. [박물관과 한평생: 초대 박물관장자서전. 저자(글) 김재원, 2013.]

KIM, Joy S. The Politics of Museums and Cultural Heritage in Colonial Korea. In: SHIN, Gi-Wook; ROBINSON, Michael (orgs.). **Colonial Modernity in Korea**. Cambridge, MA: Harvard University Asia Center, 2016. p. 177-204.

KIM, Youngna. **20th Century Korean Art**. London: Laurence King, 2010.

LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

LIU, Hui; CHEN, Maowei. **Iconological Reconstruction and Complementarity in Chinese and Korean Museums in the Digital Age: A Comparative Study of the National Museum of Korea and the Palace Museum**. *Sustainability*, v. 17, n. 13, 2025.

NATIONAL MUSEUM OF KOREA. **History of the Museum**. Seoul, 2022. Disponível em: <https://www.museum.go.kr/site/eng/content/history>. Acesso em: 21 ago. 2025.

NOGUEIRA, Maria et al. **Museologia na modernidade e a transformação da cultura e sociedade**: tecendo diálogos decoloniais. *Revista Boca da Cena*, v. 5, n. 14, p. 257–275, 2023. Disponível em: MUSEOLOGIA NA MODERNIDADE E A TRANSFORMAÇÃO DA CULTURA E SOCIEDADE: TECENDO DIÁLOGOS DECOLONIAIS | Boletim de Conjuntura (BOCA). Acesso em: 17 ago. 2025.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NYE, Joseph S. **Soft power**: the means to success in world politics. New York: Public Affairs, 2004.

OLIVEIRA, Camila Regina de. **Prisões da memória**: o Seodaemun Prison History Hall e a preservação do trauma colonial coreano. *Faces da História*, Assis, v. 7, n. 2, p. 171–191, jul./dez. 2020. Disponível em: *Museu, memória, testemunho e a construção do fato: um estudo do caso Seodaemun Prison History Hall, Seul-Coreia do Sul* | *Faces da História*. Acesso em: 17 ago. 2025.

PAI, Hyung Il. **Heritage Management in Korea and Japan**: The Politics of Antiquity and Identity. Seattle: University of Washington Press, 2013.

PARK, Albert L.; KIM, Dongno (org.). **Colonial rule and social change in Korea, 1910–1945**. Seattle: University of Washington Press, 2013.

PARK, Joon Ha. **How South Korea's National Treasures were nearly lost to North Korea**. *NK News*, 14 fev. 2024. Disponível em: <https://www.nknews.org/2024/02/how-south-koreas-national-treasures-were-nearly-lost-to-north-korea/>. Acesso em 15 de outubro de 2025.

SCHEINER, Tereza C. **Museologia e museus**: teorias e práticas em diálogo. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 31–59, 2012.

SCHEINER, Tereza C. **Descolonizar o pensamento museológico**: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 29, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/KXPYHFZfFNqtGd9by39qRcr/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SETH, Michael J. **A history of Korea: from antiquity to the present**. 2. ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2016.

SONG, Ki-ho (송기호). **A História dos Museus na Coreia**. [한국 박물관의 역사 서울: 서울대학교출판부, 2008].

YI, Wei. **Japanese colonial ideology in Korea (1905–1945)**. *The Yale Review of International Studies*, 15 out. 2019.